ESTADO DE SÍTIO

ALBERT CAMUS

De um lado, a pobreza de um meio operário, a estreiteza de uma casa de cômodos, a rigidez de uma disciplina imposta para fazer render o suado pão de cada dia, as condições de sobrevivência restritas ao essencial. De outro lado, a exuberância de uma paisagem luminosa, a imensidão de um mar eternamente azul, vislumbrado desde a esquina de cada rua, explodindo sem cessar sobre as areias sem fim. Como um luxo supérfluo nesse esbanjamento de beleza, as ruínas romanas desafiam o tempo e parecem lembrar a mortalidade dos homens. Sua lembrança, entretanto, é igualmente supérflua: por falta de bens imprescindíveis, morre-se muito cedo – e morre-se jovem – nessa terra onde tudo convida a viver.

Nascido e criado entre contrastes fundamentais, Albert Camus desde cedo aprendeu que a miséria engendra uma solidão que lhe é típica, uma austeridade toda sua, unia desconfiança da vida – mas a paisagem desperta uma rica sensualidade, uma eufórica sensação de onipotência, um orgulho desmedido de possuir a beleza inteiramente gratuita. Esse aprendizado, feito a meio caminho entre a miséria e o sol, levou-o a consciência do que existe de mais trágico na condição humana: o absurdo, essa irremediável incompatibilidade entre as aspirações e a realidade.

A CONSTATAÇÃO DO ABSURDO

Do pai, Lucien, o escritor não guardou nenhuma lembrança, porque, na verdade, nem chegou a conhecê-lo: depois de mourejar anos a fio numa vinicultura de Mondovi, Argélia – onde Camus nasceu, aos 7 de novembro de 1913, o humilde lavrador foi dar sua vida no sacrifício da batalha do Mame, mal começava a Primeira Guerra Mundial. Albert cresceria sob os cuidados da mãe, Cathérine Sintés, uma marroquina de origem espanhola, dos tios e do irmão mais velho, Lucien como o pai.

A família, pelo lado paterno, vinha da Alsácia, França, de onde emigrara em 1870, quando a região passara para o domínio da Prússia. Desde 1830 a Argélia pertencia à França, e para lá rumaram esses primeiros Camus, como tantos outros franceses desiludidos com seu país e esperançosos de conquistar mais conforto em solo africano. Mas essas esperanças logo se mostraram irrealizáveis: aos franceses pobres, a Argélia não tinha melhores condições a oferecer. Tudo que lhes dava era a oportunidade de trabalhar arduamente nas vinhas ou nas fábricas, junto com a grande massa da população local subjugada. Foi no campo ensolarado e rude que os Camus fincaram suas raízes.

Cathérine, após a morte do marido, não quis mais viver no campo e, no mesmo ano de 1914, transferiu-se com os filhos para Argel, a capital. Para sobreviver, empregou se numa fábrica de papel, onde trabalhou até não poder mais. Para morar, arranjou uma casa no colorido bairro de Belcourt. O sol batia o dia inteiro sobre os móveis toscos e sua luminosidade parecia ao menino Albert uma riqueza.

Em 1923, o garoto concluiu o curso primário e a família reuniu-se para decidir o seu destino: iria trabalhar na oficina de algum bom artesão, onde aprenderia

rapidamente um ofício de razoável remuneração, como tantos outros meninos de famílias pobres, desconfiadas dos intelectuais. Um professor, Louis Germain, no entanto, achava o pequeno Albert inteligente demais para passar o resto de sua vida na ignorância, e sugeriu então a Cathérine que tentasse conseguir uma bolsa de estudos para o filho no elegante liceu de Argel. Malgrado a oposição do resto da família – um tio avô, espécie de patriarca extremamente autoritário, ameaçou até meter um tiro na cabeça do primeiro que se atrevesse a ensinar uma palavra de latim ao menino, Camus ingressou no liceu. A condição de bolsista obrigava-o a estudar o dobro de seus colegas, todos eles provindos das mais abastadas famílias francesas instaladas na capital argelina. O contato com essa gente devia fazer o bairro de Belcourt parecer ainda mais pobre, apesar do sol.

Albert chegou à universidade em 1931. As esperanças eram muitas e simples: terminar o curso de letras, ser um bom professor, dar um pouco de conforto à mãe, prematuramente envelhecida e quase surda. De repente a tuberculose entrou em sua vida, golpeando seus projetos. O jovem alto e musculoso, goleiro entusiasmado do Racing Universitário, estudante de destaque, teve de abandonar todas as atividades para tratar exclusivamente da saúde. Conseguiu curar-se, mas a profissão a que se destinava ficou-lhe proibida: por duas vezes o exame médico impediu-o de prestar as provas necessárias para ocupar o Cargo na escola pública. Restaram-lhe pequenos empregos temporários: auxiliar de escritório, vendedor, escriturário da prefeitura. Até que descobriu o jornalismo e o teatro.

Em 1935, Camus começou a escrever um ensaio, *O Avesso e o Direito (L'Envers et l'Endroit),* publicado dois anos mais tarde, e fundou o Teatro do Trabalho, com o objetivo de levar a arte ao povo. Nesse mesmo ano, participou de uma criação teatral coletiva, ostensivamente panfletária: *Revolta nas Antúrias.* Juntamente com seu amigo Pascal Pia, criou um jornal, o *Alger Republicaine,* "diferente dos outros" e desde o início fadado ao fracasso. Seu programa era a defesa da oprimida população árabe, para a qual reivindicava igualdade salarial, escolas, representação no governo. Os franceses dominantes não escondiam seu desejo de fechar a redação.

Quando eclodiu a segunda Guerra Mundial, em 1939, o *Alger Republicaine* teve seus dias contados. Os editores do jornal simplesmente se recusaram a aceitar as normas de censura então impostas: para mantê-las dois censores militares instalaram-se na redação. Páginas inteiras eram cortadas, enquanto as autoridades insistentemente "aconselhavam" Camus a deixar Argel. Como de nada valessem críticas e ameaças, o governo fechou o jornal, em janeiro de 1940. Camus não tinha mais o que fazer na ensolarada Argélia. Rumou então para Paris.

Pascal Pia dera-lhe uma carta de recomendação, que lhe abriu as portas do *Paris Soir,* para realizar um trabalho que não envolvia uma só linha escrita de seu próprio punho. Os alemães se aproximavam e, em maio de 1940, a redação mudou-se para Clermont-Ferrand. A situação vivida no *Alger Republicaine* mais uma vez se repetiu: sisudos censores sentaram-se junto aos editores, riscando textos e fotos. Mais uma vez Camus se recusou a aceitar as normas e partiu para

Lyon. Pouco depois, a França inteira estava sob as botas do invasor, não havia mais para onde ir. Camus voltou para a Argélia, instalando-se em Orã. Na bagagem, além de desilusão e revolta, levava o manuscrito completo de um romance e grande parte de um ensaio. O romance, que recebeu o título de *O Estrangeiro (L'Étranger),* descreve a atmosfera sem esperança característica dessa época sombria. Seu protagonista, Meursault, é um homem indiferente a todas as normas sociais impermeável a todos os valores morais. Condenado por matar dois árabes numa praia, tudo que declara como justificativa de seu ato injustificável e que o fez "por causa do sol". Dizer mais do que isso, tentar defender-se, significaria acatar as regras de um jogo que ele recusa.

A sensação de absurdo que dita o comportamento de Meursault é analisada num ensaio. *O Mito de Sísifo (Le Mythe de Sisyphe),* que poderia ter como subtítulo a seguinte pergunta: a vida vale a pena ser vivida? O absurdo consiste na incompatibilidade entre um anseio humano de explicação para o mundo e o mistério essencial desse mundo inexplicável entre a consciência da morte e o desejo de uma impossível eternidade, entre o sonho de felicidade e a existência do sofrimento entre o amor e a separação dos amantes. Constatado o absurdo resta escolher a atitude a tomar: para Camus, trata-se de aceitá-lo e de conviver com ele. É o que faz Sísifo, o mítico personagem condenado pelos deuses a rolar eternamente uma pedra encosta acima de uma montanha. Sísifo aceita o absurdo e tenta agir neutro dos limites que isso lhe impõe. E, paradoxalmente, ao tomar consciência desses limites, ele consegue ser mais livre.

A publicação de *O Estrangeiro* e *O Mito de Sísifo*, em 1942, transformou Camus numa das figuras mais preeminentes das letras francesas. Nessa ocasião, o escritor novamente se encontrava em Paris: a execução do jornalista e ex-deputado Gabriel Péri pelas tropas de ocupação, em 1941, fizera-o voltar à França, onde passou a integrar o movimento da Resistência, escrevendo num jornal clandestino, *Combat;* para garantir a subsistência, trabalhava como leitor na editora Gallimard.

Em agosto de 1944, Paris era libertada, e o *Combat* pela primeira vez circulou à luz do dia. No ano seguinte, a guerra terminava: uma explosão atômica, em Hiroxima, colocava o ponto final no conflito. Para Camus, "a civilização mecânica acaba de atingir seu último grau de selvageria".

As *Cartas a um Amigo Alemão (Lettres à un Ami Allemand)* escritas durante a guerra, puderam então ser publicadas. Não era um povo que Camus combatia, era uma ideologia totalitária e racista, incompatível com seu humanismo. "Acho que o mundo não tem sentido final", afirma na quarta dessas cartas, mas sei que algo nele tem sentido, e é o homem, porque é o único ser que reclama um sentido.

Em 1946, Camus visitou os Estados Unidos, onde os universitários o acolheram com entusiasmo e admiração, e as autoridades o receberam com frieza e desconfiança: suas idéias políticas não eram vistas com bons olhos.

No ano seguinte, o escritor publicou um romance no qual vinha trabalhando desde 1941 e que para muitos constitui sua obra-prima: *A Peste (La Peste),*

considerada pela maioria dos críticos como uma alegoria do nazismo - e, por extensão, de todo regime totalitário, E a história de uma cidade, Orã, subitamente tomada por uma epidemia que se alastra sem encontrar obstáculos. Diante da calamidade, cada habitante reage individualmente, preocupado apenas com a própria salvação. Poucos resolvem enfrentar o mal em nome de todos. Entre estes figura o doutor Rieux, que honestamente acredita na necessidade de lutar até o fim contra a peste, por mais inútil que possa parecer essa luta. Uma vida que se salve será uma pequena batalha ganha. No fim, a vitória pertence a ele e aos que tiveram vergonha de ser felizes sozinhos. "Trata-se de uma vitória essencialmente humana; Deus não foi invocado, pois, uma vez que a ordem do mundo é regulada pela morte, talvez seja melhor para Deus que não se acredite Nele, e que se lute com todas as forças contra a morte, sem levantar os olhos para o céu, onde Ele se cala".

No ano da publicação de *A Peste*, *O Combat* já havia perdido muito de sua popularidade. Os franceses não queriam mais denúncias, e o jornal, a fim de se manter, teve de amoldar-se ao gosto do grande público, renunciando ao seu programa, durante muito tempo cumprido, de informar corretamente, tentando esclarecer o sentido de cada fato e dar-lhe o justo valor. Camus preferiu afastar-se para não fazer concessões. Realizou uma série de viagens, empenhou-se mais na elaboração de sua obra literária e em suas atividades teatrais. Dessa época data a realização de três ensaios *O Homem Revoltado (L'Ame Revolte, 1951), O Verão (L'Été,* 1954) e *Reflexões sobre a Pena Capital (Reflexions sur la Peine Capitale,* 1957), um romance – *A Queda (La Chute,* 1956) – , um livro de contos *O Exílio e o Reino (L' Exil et le Royaume,* 1957) —, e várias adaptações teatrais de obras célebres.

O Homem Revoltado é, talvez, o escrito mais complexo de Camus e, juntamente com *O Mito de Sísifo,* complementa o quadro teórico de sua posição filosófica. O homem revoltado é aquele que diz não a tudo o que força os seus limites, a tudo o que o violenta e o priva de exercer livremente o que considera seus direitos — mas sabe que sua revolta também deve respeitar alguns limites. Há fundamentalmente dois tipos de revolta: a metafísica — contra o absurdo do mundo — e a histórica, à qual o autor dedica a maior parte do ensaio.

A Queda ironiza a convicção de que a humanidade é má e combate a idéia, defendida pelo protagonista, de que o sofrimento humano resulta de uma grande culpa universal. A obra devia integrar os contos de *O Exílio e o Reino,* porém acabou ganhando dimensão de romance.

Em 1953, Camus apresentou, no festival de Angers. duas adaptações: *A Devoção da Cruz (La Devotion à la Croixl* de Calderón de la Barca (1600-1681), e *Os Espíritos (Les Esprits),* de Pierre de Larivey (1540-1619). A boa acolhida do público estimulou-o a se dedicar mais ao teatro, velha paixão dos tempos de Argel, quando, no seu grupo itinerante, atuava como encenador, diretor, ator, cenógrafo, autor. Todas as suas grandes peças já estavam escritas, e ele não parecia disposto a elaborar qualquer obra nova. Em outubro de 1956 encenou, no

teatro dos Mathurins, uma adaptação de *Réquiem para uma Freira (Réquiem pour une Nonne),* de William Faulkner (1897-1962), sucesso que se manteve em cartaz durante dois anos. Na ausência de um ator, certa noite o próprio Camus subiu ao palco para viver o papel de governador. Em 1957, novamente no festival de Angers, encenou sua adaptação de *O Cavaleiro de Olmedo (Le Chevalier d'Olmedo),* de Lope de Vega (1562-1635). Porém, sua maior realização nesse campo foi *Os Possessos (Les Possédés),* adaptado de Dostoiévski (1821-1881), que estreou no Teatro Antoine, em Paris, em fevereiro de 1959.

Em 1957, Camus recebeu o Prêmio Nobel de Literatura. "pelo conjunto de uma obra que põe em destaque os problemas que se colocam em nossos dias a consciência dos homens. Na ocasião, proferiu um discurso analisando o papel do artista, que não deve apenas distrair o público, mas "comover o maior número possível de homens, oferecendo-lhes uma imagem privilegiada dos sofrimentos e das alegrias comuns".

Três anos depois, cheio de planos e de sonhos, preparando um novo romance, Camus morria num acidente de automóvel, na estrada que liga Sens a Paris. Eram 13 horas e 55 minutos de uma cinzenta segunda-feira, 4 de janeiro de 1960. Em seu bolso encontrou-se uma passagem de trem para o mesmo percurso. Na última hora, ele decidira fazer a viagem de carro e, nessa escolha, encontrou a morte. Longe do sol da Argélia.

O ABSURDO NO TEATRO

Camus escreveu quatro peças: *Calígula (Caligula), O Mal Entendido (Le Malentendu), Estado de Sítio (L'État de Siêge.)* e *Os Justos (Les Justes). Calígula* foi concluída em 1938, mas só sete anos depois subiu ao palco no teatro Hebertot de Paris. Conforme definição do próprio autor no prefácio da obra, trata-se de uma "tragédia da inteligência". Seu protagonista, o imperador romano, filho de Nero, irrompe em cena após a morte de Drusila, sua irmã e amante, para expressar seu desejo do impossível — "a lua, ou a felicidade, ou a vida eterna" — , seu novo programa de vida — "é preciso ser lógico até o fim, a todo custo" e sua descoberta do que acatará como sendo a verdade absoluta — "os homens morrem e não são felizes".

Calígula constata o absurdo e decide levá-lo às últimas conseqüências, perdendo os limites do poder, da liberdade, da razão, negando todos os laços que o prendem ao gênero humano. As metáforas são abolidas de sua linguagem: a um cortesão que se declara capaz de dar a vida por ele, Calígula manda imediatamente matar, não sem antes agradecer-lhe por tamanha dedicação. Decididos a colocar um termo na carreira assassina do imperador, o patrício Cherea e o poeta Cipião engendram uma conspiração para matá-lo. "Suicida superior", Calígula nada faz para deter os conspiradores, e "aceita a morte, porque compreendeu que ninguém pode salvar-se sozinho, nem pode ser livre às custas dos outros".

O próprio Camus pretendia representar Calígula, em Argel, mas a deflagração da guerra adiou a estréia da peça, e foi Gérard Philippe (1922-1959) quem acabou vivendo o imperador romano na encenação parisiense de 1945.

O Mal-Entendido foi escrito no ano de 1943, nas montanhas do centro da França, onde Camus se encontrava por motivos de saúde. "Essa situação histórica e geográfica", diz ele, "bastaria para explicar a espécie de claustrofobia de que eu sofria então e que se reflete na peça." O tema dessa obra sombria e pessimista encontra-se já mencionado em *O Estrangeiro,* por Meursault, que lê num jornal a notícia: "Um homem partira de uma aldeia para fazer fortuna. Ao fim de *25* anos, rico, regressara casado e com um filho. A mãe dele, juntamente com a irmã, tinha uma estalagem na aldeia. Para lhes fazer uma surpresa, deixara a mulher e o filho numa outra estalagem e fora visitar a mãe, que não o reconheceu. Por brincadeira, tivera a idéia de se instalar num quarto, como hóspede. Mostrara o dinheiro que trazia. De noite, a mãe e a irmã tinham-no assassinado a marteladas e atirado seu corpo no rio. No dia seguinte de manhã, a mulher do desgraçado viera à estalagem e revelara, sem saber, a identidade do viajante. A mãe enforcara-se. A irmã atirara se a um poço. Ao terminar de ler o relato, Meursault comenta: "Devo ter lido essa história milhares de vezes. Por um lado, era inverossímil. Por outro, era natural".

A peça é dividida em três atos: o primeiro mostra a volta do filho pródigo, Jan; o segundo focaliza o crime; o terceiro elucida a verdade. Por várias vezes essa verdade parece prestes a se revelar, como no momento em que Jan estende o passaporte a Marta, sua irmã, e ela se recusa a abri-lo.

Consumado o crime, através de um chá envenenado, Marta recebe a cunhada com hostilidade e conta lhe que Jan tivera a mesma sorte de muitos outros viajantes que por ali passaram. A finalidade de tantos homicídios era obter um dinheiro que lhe permitisse abandonar aquela aldeia cinzenta e ir viver num lugar ensolarado, perto do mar. "Você sabia que ele era seu irmão quando fez isso?", pergunta a viúva. "Se *precisa* saber", responde a outra, foi um mal entendido. E se você tem alguma experiência do mundo, não se surpreenderá."

Representada pela primeira vez em 1944, no teatro dos Mathurins, a peça só se manteve em cartaz durante quarenta representações. Os poucos que a aplaudiram exaltavam a qualidade dos diálogos e a escolha do tema. Os que a recusaram apontavam a improbabilidade dos fatos — perguntavam-se, por exemplo, se ninguém jamais notara o desaparecimento das outras vitimas — e consideravam-na inconvincente como demonstração do absurdo. O próprio Camus acha *O Mal-Entendido* enfadonha e sombria. Sua intenção era criar uma "tragédia moderna", "pôr a linguagem da tragédia na boca de personagens contemporâneas. Nada, realmente, é mais difícil, pois é preciso encontrar uma linguagem natural o bastante para ser falada pelos contemporâneos e ainda suficientemente incomum para sugerir o tom trágico".

Mais bem sucedida foi *os Justos,* que estreou no teatro Hebertot de Paris no dia 15 de dezembro de 1949. O autor assegura que a peça foi rigorosamente baseada em fatos históricos — inclusive a surpreendente entrevista da grã-

duquesa com o matador de seu marido.

Os "justos" são os revolucionários russos de 1905, os quais, segundo Camus, viveram "o destino do homem revoltado em todas as suas contradições". Esses "assassinos delicados", como os chama, defrontaram-se com o problema mais cruciante da revolta. que constitui o núcleo de *O homem Revoltado:* existe alguma coisa que se pode fazer para melhorar este mundo de injustiça e sofrimento e que, ao mesmo tempo, não aumente a injustiça e o sofrimento?

Para Kaliayev, um dos "justos", a resposta é negativa, e o assassinato só é permitido se o criminoso morrer também. Encarregado de matar o grão duque Sérgio, ele falha numa primeira tentativa porque havia crianças presentes, e "matar crianças é um ato contrário a honra de um homem". Procurando defendê-lo perante os outros, que lhe criticam essa fraqueza, sua amada Dora expressa uma posição fundamental de Camus: "Mesmo na destruição há o certo e o errado — há limites". Numa segunda oportunidade, Kaliayev mata o grão-duque e, fiel a si mesmo, faz questão de morrer também. A revolta não é a busca da liberdade absoluta, como acreditava Calígula. mas um protesto contra um excesso de sofrimento e injustiça — e todo sofrimento provocado nesse protesto, toda injustiça cometida em nome dessa revolta devem, necessariamente, ser expiados.

Pomposa, grandiloqüente, *Os Justos* obteve enorme sucesso, apesar de ter sido ferozmente criticada por alguns que a interpretaram como um convite a inação política. Na verdade, Camus desejava mostrar a esquerda da época como estava distante dos ideais defendidos pelos revolucionários de 1905. Queria também denunciar um estado de violência que, apesar da inexistência de rebeliões e de guerras, ainda vigorava na Europa ao terminar a década de 40.

A CIDADE SITIADA

Fazia já algum tempo que o ator Jean-Louis Barrault desejava encenar o *Diário do Ano da Peste* de Daniel Defoe (1660-1731). Sabendo que Camus trabalhava num romance com o mesmo tema, desistiu do velho projeto e pediu ao escritor que elaborasse uma versão teatral de *A Peste.* Camus aceitou o encargo, porém não se limitou a fazer uma simples transposição do romance para o palco. Na verdade, *Estado de* Sítio apresenta uma abordagem distinta da cidade à mercê da epidemia — cujo simbolismo político é reforçado através da personagem Peste. "Como se trata de um ditador, essa apelação está correta", afirma o autor no prefácio da obra. Referia-se, porém, a qualquer ditador, de qualquer partido; por isso desaprovou o fato de, na representação parisiense, o ator que interpretava a Peste envergar um uniforme nazista.

Do ponto de vista da construção, misturando "todas as diferentes formas de expressão dramática, do monólogo lírico ao teatro coletivo", incluindo a farsa e o coro, a peça afasta-se muito do tom deliberadamente monótono que o autor conferiu à narração do romance.

Algumas personagens de *A Peste* estão presentes em *Estado de Sítio,* embora

bastante modificadas: assim, na peça, Diogo, com sua vergonha de ser feliz sozinho, seu desejo de salvar a comunidade cuja desgraça considera sua também, aproxima-se do doutor Rieux, do jornalista Rambert, de Tarrou; o niilista. Nada relembra o oportunista Cottard; o padre Cádiz, embora muito mais violento, assemelha-se ao jesuíta Paneloux.

No plano das idéias, alguns temas do romance são novamente abordados, com destaque maior, como o contraste entre a situação de medo e sacrifício imposta pela peste *(em seu significado concreto e simbólico)* e a liberdade inspirada pelos elementos naturais.

Na peça, esse contraste, sugerido pela esperança de que o vento do mar traga a salvação, explode na cena em que os mensageiros da Peste proclamam as novas ordens e a população tenta fugir, esbarrando nas portas que se fecham. No romance, a oposição é mais nítida quando o doutor Rieux e seu amigo Tarrou abandonam por um momento a cidade empesteada e vão banhar-se juntos no mar, renovando as forças para voltar à luta. Na opinião de crítico Philip Thody, o próprio Camus estaria tentando dessa forma recuperar suas energias para enfrentar outra espécie de epidemia: a das sufocantes abstrações a que se dedicavam, na época, os intelectuais europeus.

Tendo como modelo o auto sacramental espanhol, representado durante a Idade Média nos átrios das igrejas e que levava ao público alegorias das virtudes cristãs, a peça estreou no teatro Marigny, de Paris, no dia 27 de outubro de 1948. O cenário e a cidade de Cádiz — uma escolha consciente por parte do autor, que desejava dessa forma expressar seu protesto contra a situação política da Espanha e o papel desempenhado pela Igreja nesse país.

A obra compõe-se de um prólogo e três partes, bem delimitadas. O prólogo mostra os habitantes de Cádiz amedrontados com a aparição de um misterioso cometa que interpretam como um presságio de desgraças - a ordem oficial, contudo, é de que nada se tema, pois nada foi visto.

A primeira parte da obra coloca em cena a vida normal da cidade, com suas alegrias, suas preocupações, suas misérias, suas artimanhas. Ao surgir novamente o cometa, alguns homens caem mortos, num sinal evidente de que uma epidemia está se alastrando. O governo, entretanto, resolve tomar providências não no sentido de combater o mal, e sim no de conter o pânico. Na realidade, a situação incomoda o governador apenas por privá-lo do prazer da caça — pois não lhe ocorre que a epidemia possa atingi-lo pessoalmente, e o destino do povo tem para ele menor importância do que um faisão abatido no campo. O padre, intransigente, quase vitorioso com o que considera um castigo dos céus sobre a cidade pecadora, brutalmente exorta o povo à confissão e à penitência. O juiz, terceiro poder reinante sobre Cádiz, sequer toma conhecimento da calamidade: continua calmamente lendo seus salmos, certo de que, sendo um homem justo, nada sofrera. Para as três autoridades, a peste é assunto do povo e só lhes diz respeito na medida em que possa alterar seus próprios ritmos de vida.

Enquanto o alcaide anuncia à população as determinações oficiais para essa

emergência, entram em cena a Peste e sua Secretária, que serenamente explicam terem vindo reclamar para si o poder. Algumas irradiações emitidas pela Secretária e que instantaneamente provocam a morte bastam para convencer o governador e seus auxiliares a abdicar, deixando a população à mercê dos recém chegados. Uma nova ordem é anunciada, um programa para impor a lógica e a disciplina, para punir os fracos — como os que amam — e recompensar os fortes principalmente os delatores, ainda mais dignos de prêmios se entregarem pessoas de suas próprias famílias. Os mensageiros transmitem as normas e o povo tenta fugir para "o mar, livre, a água que lava, o vento que liberta". Mas todas as tentativas esbarram nas pesadas portas da cidade que, uma a uma, se fecham sobre as esperanças de liberdade.

A população oprimida, igualada na mesma sorte, não se solidariza, não se apóia mutuamente. Ao contrário, assim como em *A Peste*, constitui-se num bando desordenado de indivíduos voltados tão somente para si mesmos, endurecidos em seu medo a ponto de negar qualquer tipo de ajuda aos companheiros.

Encerrada em seus próprios muros, emudecida por "um tampão embebido em vinagre", Cádiz é oficialmente declarada em estado de sitio. "A ridícula angústia da felicidade" é proibida, assim como "o rosto estúpido dos apaixonados, a contemplação egoísta das paisagens". Os valores mais caros são proscritos. Não deverá existir amor. E ninguém mais morrerá ao acaso, por emoção ou por descuido: a morte doravante será racional e burocratizada, obedecendo à rígida ordem de uma lista cuidadosamente elaborada.

A segunda parte mostra os absurdos de uma burocracia levada ao extremo, criada para gerar o desentendimento entre as pessoas: por ser incompreendida — e temida é que a nova ordem se mantém. O povo reclama — sempre individualmente, nunca como um grupo coeso —, mas seus argumentos carregados de emoção, levantados em nome dos direitos mais fundamentais, como o de morar sob um teto, são demolidos pelo raciocínio frio e cínico de Nada, o niilista bêbado que passa para o lado do tirano. Seu ponto de vista, extremamente negativo, afirma de maneira mais direta uma das idéias centrais de *O Homem Revoltado:* na ausência de outros valores, as ideologias totalitárias — como o nazismo — triunfam, com sua recusa à vida; se não existe mais nada em que se possa acreditar, tende-se a acreditar na destruição.

As reclamações da população atingem o auge com a entrada de Diogo, que a incita a gritar seu medo. Mas a resposta é apenas um lamento: "Éramos um povo e, agora, apenas massa!" Sem poder contar com essa gente amedrontada, o jovem enfrenta a Peste sozinho e, em seguida, se refugia na casa do juiz, que se recusa a dar-lhe abrigo: antes de mais nada, é necessário cumprir a lei, qualquer lei, pois todas elas são sagradas e indiscutíveis. A interferência de Diogo faz vir à tona antigos conflitos familiares: a mulher do juiz desabafa mágoas passadas, o juiz a critica por ter sido infiel. Os ódios afloram incontidos, a família perfeita revela-se uma fraude. Diogo foge, e está procurando convencer um barqueiro a levá-lo para longe quando surge a Secretária, que tenta sutilmente seduzi-lo. Indignado, Diogo

a esbofeteia, para alegria do povo, que arranca as mordaças e finalmente grita numa só voz. A Secretária declara-se vencida: nada pode contra quem não a teme. E essa a regra do jogo: o poder cessa ao cessar o medo. O vento do mar, numa esperança de salvação, começa a soprar.

A última parte apresenta a derrota final da Peste, acossada pelo povo que Diogo incita à rebelião. O caderno da Secretária, contendo os nomes das pessoas destinadas à morte "racional", é arrebatado e passa de mão em mão, servindo de instrumento para pequenas vinganças pessoais. Nesse momento, é trazido o corpo de Vitória, a amada de Diogo, o qual propõe à Peste trocar sua vida pela da moça. O tirano contrapõe-lhe poupar os dois, para que vivam felizes em outro lugar, em troca do domínio absoluto sobre a cidade. Diogo recusa-se, reafirmando a posição que desde o início havia assumido: não se julga com o direito de sacrificar o bem-estar do povo para conquistar a sua felicidade pessoal. "O amor desta mulher é meu reino, meu, apenas. Posso fazer dele o que quiser. Mas a liberdade desses homens lhes pertence. Não posso dispor dela".

A Peste procura ainda convencê-lo a não se sacrificar em nome de uma gente tão pequena e covarde, que nem sequer tem condições de apreciar com justiça tamanha nobreza de sentimentos. Vitória e as mulheres o censuram asperamente por preferir a morte ao amor. São inúteis os convites e as críticas: Diogo deixa-se morrer, ao mesmo tempo que Nada anuncia o retorno dos antigos governantes, diferentes do tirano unicamente porque, "em lugar de fecharem a boca dos que gritam sua desgraça, fecham seus próprios ouvidos."

É possível que haja demasiadas personagens simbólicas em *Estado de Sítio*, como considerava o crítico Bernard Simiot. É possível também que o totalitarismo representado pela Peste seja inverossímil, como julga Philip Thody. Mas esses possíveis defeitos são em muito atenuados pela força do texto, pelo desenvolvimento dramático, pela universalidade do tema.

Camus achava *Estado de Sítio* o escrito seu que mais se parecia com ele. Realmente, o anseio de liberdade demonstrado pela cidade, a ternura de Diogo pelo povo comum, com todas as suas mesquinharias e suas acanhadas generosidades, a aversão a qualquer totalitarismo e aos programas niilistas são sentimentos presentes em toda a sua obra. E é por esses sentimentos que Albert Camus representa um dos escritores mais importantes do nosso século.

PERSONAGENS

A PESTE

A SECRETÁRIA

NADA

VITÓRIA

O JUIZ

A MULHER DO JUIZ

DIOGO

O GOVERNADOR

O ALCAIDE

AS MULHERES DA CIDADE

OS HOMENS DA CIDADE

OS GUARDAS

O CONDUTOR DOS MORTOS

ADVERTÊNCIA

Em 1941 Barrault leve a idéia de montar um espetáculo em torno do mito da peste que havia também tentado Antonin Artaud. Nos anos que se seguiram, pareceu-lhe mais simples adaptar o grande livro de Daniel Defoe, *Diário do Ano da Peste.* Fez então o rascunho de uma encenação.

Quando ele soube que também eu pretendia publicar um romance sobre o mesmo tema, ofereceu-se para escreveu diálogos em tom o de seus rascunhos, Eu tinha outras idéias e, em particular, parecia-me preferível esquecer Daniel Defoe e voltar a primeira idéia de Barraut.

Tratava-se, em suma, de imaginar um mito que pudesse ser entendido por todos os espectadores de 1948. *Estado de Sitio* é a ilustração dessa tentativa que tive a fraqueza de crer que mereça algum interesse.

Mas:

1º — Deve ficar claro que *Estado de Sítio* não é uma adaptação de meu romance.

2º — Não se trata de uma peça de estrutura tradicional, mas de um espetáculo cuja ambição confessada é reunir todas as formas de expressão dramática. desde o monólogo livre, até ao teatro coletivo, passando pelo jogo mudo, o simples diálogo, a farsa e o coro.

3º — Se é verdade que escrevi todo o texto, é importante notar que o nome de Barrault deveria, com toda justo justiça, ser reunido ao meu. Isso não foi possível fazer-se, por motivos que me parecem respeitáveis. Mas devo repetir sempre, claramente, que continuo devedor de Jean-Louis Barrault.

20 de Novembro de 1948
A . C.

PARTE I

PRÓLOGO

Abertura musical, em torno de um tema sonoro, lembrando a sirena de alerta.

O pano abre-se, com a cena completamente escura. A abertura musical termina, mas o tema de alerta permanece, como um zumbido longínquo. Subitamente, ao fundo, surgindo do lado do pátio, um cometa se desloca em direção ao jardim. Ilumina, em sombras chinesas, os muros de uma velha fortificação espanhola e a silhueta de vários personagens que voltam as costas ao público, imóveis, as cabeças estendidas em direção ao cometa. Soam quatro horas. O diálogo é mais ou menos incompreensível como um resmungo.

— O fim do mundo!
— Não, homem!
— Se o mundo acabar. . .
— Não, homem! O mundo, mas não a Espanha!
— Mesmo a Espanha pode morrer.
— De joelhos.

— É o cometa do Mal!
— Não a Espanha, homem, não a Espanha!

(Duas ou três cabeças voltam-se. Um ou dois personagens se deslocam, com precaução. Depois, tudo volta á imobilidade. O zumbido torna-se, então, mais intenso, mais estridente e se desenrola, musicalmente, como uma palavra inteligível e ameaçadora. Ao mesmo tempo, o cometa cresce desmesuradamente. Bruscamente, um grito terrível, de mulher, que, súbito, faz silenciar a música e reduz o cometa a seu tamanho normal. A mulher foge, ofegante. Balbúrdia na praça. O diálogo, mais sibilante e mais perceptível, não está, ainda, nitidamente compreensível.)

— É sinal de guerra!
— Certamente que é.
— Não é sinal de nada.
— Depende.
— Basta. É o calor.
— O calor de Cádiz.
— Basta!
— Ele sibila forte demais!
— Ensurdece, sobretudo.
— É uma praga, sobre a cidade.
— Ai! Cádiz! Uma praga sobre ti.
— Silêncio! Silêncio!

(Fixam, de novo, o cometa, e, então, se ouve, desta vez, distintamente, a voz de um oficial das guardas civis.)

O OFICIAL DA GUARDA CIVIL

Voltem. todos, para as suas casas! Já viram o que viram e basta. É muito barulho por tão pouco, eis o que é! Barulho demais. Por nada, afinal. Cádiz é sempre Cádiz!

UMA VOZ

Mas é um aviso. É um sinal. Não aparecem sinais sem uma razão.

UMA VOZ

Ah! Grande e terrível Deus!

VOZ
A guerra aproxima-se. Eis o sinal!

VOZ
Em nossa época. não se acredita mais em sinais. tinhoso. Felizmente, já somos bastante inteligentes.

VOZ
Sim. Mas é falando assim que deixamos que nos quebrem a cabeça. Burros, como porcos, eis o que somos. E aos porcos sangra-se.

O OFICIAL
Voltem para suas casas! A guerra é tarefa nossa. Não vossa.

NADA
Ah ! Se fosse verdade ! Mas não é verdade: os oficiais morrem na cama e a estocada fica para nós!

VOZ
Nada! Eis aqui Nada. Olhem o idiota!

VOZ
Nada, deves saber: que significa isto?

NADA *(visivelmente um doente)*
Não gostam de ouvir o que tenho a dizer. E riem do que digo. Perguntem ao estudante: ele será breve, doutor. Quanto a mim, ficarei conversando com a minha garrafa. *(Leva uma garrafa à boca.)*

VOZ
Diogo, que quer ele dizer?

DIOGO
Que importa? Conservem seus corações firmes — e será o bastante.

VOZ
Perguntem ao oficial da Guarda Civil.

O OFICIAL
A Guarda Civil acha que estão todos perturbando... perturbando a ordem pública.

NADA
A Guarda Civil tem sorte. Tem idéias simples.

VOZ
Olhem !Vai recomeçar . . .

VOZ
Ah! Grande e terrível Deus!

(O zumbido recomeça. Segunda passagem do cometa.)

— Basta!
— Basta!
— Cádiz!
— Ele sibila. . .
— É um presságio. . .
— Sobre a cidade. . .
— Silêncio! Silêncio. . .

(Soam cinco horas. O cometa desaparece. O dia nasce.)

NADA *(debruçando-se sobre um marco e zombando)*
Vejam ! Eu, Nada, luz desta cidade, pela cultura e pela sabedoria; bêbado, por desdém de todas as coisas e por nojo das honrarias; ridicularizado, pelos homens, por ter preservado a liberdade de desprezar; eu, Nada, faço questão de lhes fazer, após este fogo de artifício, uma advertência gratuita: estamos *nisso* — e, cada vez mais, vamos estar *nisso.*
Mas, reparem bem: já estávamos. Era preciso, porém, um bêbado, para o perceber. Onde estamos, então? Cabe a vós, homens da razão, adivinhá-lo. Quanto a mim, tenho opinião firmada, desde sempre, e estou fiel a meus princípios: a vida vale a morte: o homem é a madeira da qual se fazem as fogueiras. Acreditai-me: os aborrecimentos vão chegar. Este cometa é um mau agouro. E é um alerta.
Talvez tudo isso vos pareça inverossímil. Já esperava que assim fosse. Do momento em que tenham feito suas três refeições, trabalhado suas oito horas e divertido suas duas mulheres, pensam que tudo está em ordem. Mas não! Os homens não estão em ordem, estão em fila. Bem alinhados, a fisionomia plácida, maduros para a calamidade. Vamos, brava gente, a advertência está feita — e eu estou em paz com a minha consciência. Aliás, não vos preocupeis: há quem se ocupe de vós, lá em cima. E bem sabeis o que resulta disso: eles não são nada cômodos.

O JUIZ CASADO

Não blasfemes, Nada. Há muito tempo andas tomando liberdades censuráveis com o Céu.

NADA

Falei, por acaso, em Céu, Juiz? Aprovo o que ele faz, de todas as maneiras. Sou juiz, a meu modo. Li, nos livros, que mais vale a pena ser cúmplice do Céu, do que sua vítima. Aliás, tenho a impressão de que o Céu não está em causa. Pelo pouco que os homens se preocupam em quebrar vidros e cabeças, já devem ter percebido que Deus — aliás um grande conhecedor de música — não passa de um menino de coro.

O JUIZ CASADO

São os libertinos de tua espécie que atraem, sobre nós, as desconfianças celestes. Os alertas do Céu. Porque é, realmente, um alerta. Transmitido a todos os que têm o coração corrompido. Acautelai-vos, para que efeitos, mais terríveis, não sobrevenham — e rezai a Deus para que ele perdoe vossos pecados. De joelhos, pois! De joelhos, digo-vos.

(Todos se ajoelham, com exceção de Nada.)

O JUIZ CASADO

Teme o Céu, Nada! Teme e ajoelha-te!

NADA

Não posso ajoelhar-me: tenho o joelho duro. Quanto a temer, já tudo previ... mesmo o pior. Quero dizer: tua moral.

O JUIZ CASADO

Não crês, mesmo, em nada, desgraçado?

NADA

Em nada, deste mundo, a não ser no vinho. E em nada do Céu.

O JUIZ CASADO

Perdoai-o, meu Deus. Ele não sabe o que diz. E preservai esta cidade de vossos filhos.

NADA

Ite Missa est. Diogo, oferece-me uma garrafa em honra ao cometa. E tu me dirás em que ponto estão teus amores.

DIOGO

Vou casar-me com a filha do Juiz, Nada. E gostaria de que, de agora em diante, não mais ofendesses seu pai. Será ofender-me a mim, também.

(Trombetas. Um arauto entra, cercado de guardas.)

ARAUTO

Ordem do Governador. Que todos se retirem e retomem suas tarefas. Os bons governos são aqueles em que coisa alguma acontece. E é vontade do Governador que nada se passe, em seu governo, a fim de que permaneça tão bom como sempre tem sido. Fica, pois, afirmado, aos habitantes de Cádiz, que, no dia de hoje, nada acontece que valha a pena, cause alarme ou desordem. Eis por que cada cidadão, a partir desta sexta-feira, deverá considerar mentira o aparecimento de qualquer cometa, no horizonte da cidade. Os rebeldes a esta decisão, os habitantes que comentarem cometas, de outra maneira que não seja como fenômenos siderais passados ou para vir, serão punidos com o rigor da lei.

(Trombetas. O arauto se retira.)

NADA

E, então, Diogo? Que dizes disso? É um achado!

DIOGO

É uma tolice. Mentir é, sempre, uma tolice.

NADA

Não: mentir é uma política. Política que eu aprovo, por que visa a tudo suprimir. Ah! Que bom Governador temos nós! Se seu orçamento está deficitário, se sua esposa é adúltera, ele anula o *déficit* e nega o adultério. Cornos, vossas mulheres são fiéis; paralíticos, podeis andar: e vós, cegos, olhai: é a hora da verdade!

DIOGO

Não anuncies desgraça, velha coruja! A hora da verdade é a hora do assassinato.

NADA

Justamente. O assassinato do mundo. Ah! Se eu o pudesse ter, inteiro, diante de mim, como um touro, com todas as suas patas trêmulas, com seus olhos faiscantes de ódio e seu focinho rosado, onde a baba desenha uma renda suja! Ai! Que minuto! Esta velha mão não hesitaria e ele seria abatido de um só golpe, seria fulminado e tombaria ate o fim dos tempos, através de intermináveis espaços!

DIOGO
Desprezas, demais, as coisas, Nada. Economiza teu desprezo. Precisarás dele, um dia.

NADA
Não preciso de nada. Tenho desprezo suficiente, para durar até a morte. E nada desta terra — nem rei, nem cometa, nem moral —, nada ficará acima de mim

DIOGO
Calma! Não subas tão alto. Serás menos amado por isso.

NADA
Estou acima de todas as coisas, porque nada desejo.

DIOGO
Ninguém está acima da honra.

NADA
Que é a honra, filho?

DIOGO
É o que me mantém em pé.

NADA
A honra e um fenômeno sideral — passado ou para vir. Devemos suprimi-la.

DIOGO
Muito bem. Nada. Mas é preciso que eu parta. Ela me espera. Eis por que não acredito na calamidade que anuncias. Devo ocupar-me de ser feliz. É um longo trabalho, que pede a paz das cidades e dos campos.

NADA
Já te disse, Filho, estamos na guerra. Nada esperes. A comédia vai começar. Que, ao menos, me reste tempo de correr ao mercado, para beber, enfim, ao morticínio universal.

(Tudo se apaga.)

FIM DO PRÓLOGO

Luz. Animação geral. Os gestos são mais vivos, o movimento se precipita. Música. Os lojistas abrem suas barracas, s*eparando os primeiros planos do cenário. A praça do mercado aparece. O coro do povo, conduzido pelos pescadores, enche-a pouco a pouco, exultante.*

O CORO

Nada acontecerá, nada acontecerá. Chuva! Chuva! Não é uma calamidade, é a abundância do verão. *(Grito de alegria.)* Mal a primavera termina e já a laranja dourada do estio, lançada a toda velocidade através dos céus, ultrapassa o cimo da estação e morre acima da Espanha, num jorro de mel, enquanto todos os frutos de todos os verões do mundo — uvas pegajosas, melões cor de manteiga, figos sanguíneos, damascos em chama — vêm, no mesmo momento, rolar para os balcões de nossos mercados. *(Grito de alegria.)* Ó frutos! É aqui, nestes cestos, que eles terminam seu longo curso precipitado que os traz dos campos, onde começam a ficar pesados de água e de açúcar, por cima dos prados azuis de calor e no meio do jorrar fresco de mil nascentes ensolaradas, pouco a pouco reunidas em uma só água de juventude, aspirada pelas raízes e pelos troncos. conduzida até o coração dos frutos, onde termina por correr lentamente, como uma inesgotável fonte de mel, que os engravida e os torna cada vez mais pesados.

Pesados, cada vez mais pesados! Tão pesados que, por fim, deslizam para o fundo da água do Céu, começam a rolar através da erva opulenta, caminham ao longo de todas as estradas e, dos quatro cantos do horizonte, são dados pelos rumores alegres do povo e das clarinadas do verão *(breves trombetas)*, vêm, em multidão, as cidades humanas, testemunhar que a terra é doce e que o céu, nutriente, permanece fiel ao encontro da abundância. *(Grito geral de alegria.)* Não. Nada está acontecendo. Eis o verão — oferenda e não calamidade. O inverno virá mais tarde, o pão duro será para amanhã. Hoje, dourados, sardinhas, lagostins, peixe fresco vindos dos mares tranqüilos, queijo, queijo ao rosmaninho! O leite das cabras espuma, como uma lixívia, e sobre as mesas de mármore a carne congestionada, sob sua coroa de papel branco, a carne, com cheiro de luzerna, oferece, ao mesmo tempo, o sangue, a seiva e o sol à ruminação do homem. Ergamos nossas taças! Ergamo-las! Bebamos na taça das estações. Bebamos até ao esquecimento: nada acontecerá.

(Hurras. Trombetas. Gritos de alegria. Música — enquanto nos quatro cantos do mercado, pequenas cenas se desenrolam.)

PRIMEIRO MENDIGO

Caridade, homem, caridade, avó!

SEGUNDO MENDIGO
É melhor fazê-la cedo, do que nunca!

TERCEIRO MENDIGO
Vós nos compreendeis!

PRIMEIRO MENDIGO
Nada aconteceu, está entendido.

SEGUNDO MENDIGO
Mas acontecerá talvez, alguma coisa. *(Rouba o relógio de um transeunte.)*

TERCEIRO MENDIGO
Praticai sempre a caridade. Duas precauções valem mais do que uma.

NA PEIXARIA

O PESCADOR
Dourado fresco como um cravo! A flor dos mares! E ainda vos queixais.

A VELHA
Teu dourado é o cação!

O PESCADOR
O cação! Até a tua chegada, feiticeira, o cação jamais havia entrado neste mercado.

A VELHA
Seu filho da mãe! Respeita, ao menos os meus cabelos brancos!

OPESCADOR
Fora daqui, velha agourenta!

(Todos se imobilizam, O dedo sobre os lábios. À janela, Vitória. Está atrás das grades. Do lado de fora, Diogo.)

DIOGO
Há tanto tempo!

VITÓRIA
Louco! Nós nos separamos as onze horas desta manhã!

DIOGO
Sim. Mas havia teu pai!

VITÓRIA
Meu pai disse sim. Estávamos certos de que diria não.

DIOGO
Tive razão em ir diretamente a ele e fitá-lo de frente.

VITÓRIA
Tiveste razão. Enquanto ele refletia, eu fechava os olhos e escutava subir, em mim, um galope longínquo, que se aproximava, cada vez mais rápido e mais forte, até me fazer tremer inteiramente. E, depois, o pai disse sim. Então, abri os olhos. Era a primeira manhã do mundo. Num canto do quarto onde estávamos, vi os cavalos negros do amor, ainda com os pêlos eriçados, mas já tranqüilos. Era a nós que esperavam.

DIOGO
Não fiquei nem surdo, nem cego. Mas só ouvia as batidas doces de meu sangue. Minha alegria perdia, subitamente, sua impaciência. Ó cidade de luz, restituíram-te a mim, para toda a vida, até a hora em que a terra nos reclamar. Amanhã, partiremos juntos e subiremos a mesma sela.

VITÓRIA
Assim: fala a nossa linguagem, mesmo que ela pareça louca aos outros. Amanhã beijarás minha boca. Olho a tua e meu rosto queima. Dize: é o vento do Sul?

DIOGO
É o vento do Sul. E ele me queima, também. Onde está a fonte que me curará dele? *(Aproxima-se e, passando os braços através das grades, abraça-a.)*

VITÓRIA
Ah! Sofro de tanto te amar. Aproxima te.

DIOGO
Como és bela!

VITÓRIA
Como és forte!

DIOGO
Com que lavas teu rosto, para torná-lo assim branco como a amêndoa?

VITÓRIA
Lavo-o com água bem clara e o amor lhe acrescenta sua graça.

DIOGO
Teus cabelos são frescos como a noite!

VITÓRIA
É que todas as noites eu te espero a minha janela.

DIOGO
São apenas a água transparente e a noite que deixam em ti o perfume do limoeiro?

VITÓRIA
Não. Foi o vento do teu amor que, em um só dia, me cobriu toda de flores!

DIOGO
As flores cairão.

VITÓRIA
Os frutos te esperam.

DIOGO
O inverno virá.

VITÓRIA
Virá. Mas contigo. Lembras-te daquilo que me cantaste, a primeira vez? Não continua sendo verdade?

DIOGO
"Se cem anos após minha morte
a terra me perguntasse
se, enfim, já te esqueci,
responderia que ainda não."
(Ela se cala.)
Não dizes nada?

VITÓRIA
A felicidade emudeceu-me.

SOB A TENDA DO ASTRÓLOGO

O ASTRÓLOGO *(a uma mulher)*

O sol, minha bela, atravessa o signo da Balança. na hora de teu nascimento – o que autoriza a considerar-te como venusiana, uma vez que teu signo ascendente é Touro, também governado por Vênus, como todos sabem. Tua natureza é, portanto, emotiva, afetuosa e agradável. Podes, pois, rejubilar-te por isso - muito embora o Touro predisponha ao celibato e corras o risco de deixar disponíveis tuas preciosas qualidades. Vejo, aliás, uma conjunção Vênus-Saturno, desfavorável ao casamento e aos filhos. Essa conjunção pressagia, também, gostos bizarros e anuncia perigos de males que afetam o ventre. Não te detenhas, porém, nisso, e procura e sol que fortificará o mental e o moral e que e soberano quanto aos fluxos do ventre. Escolhe teus amigos entre os do signo do Touro, pequena, e não te esqueças de que tua posição é bem orientada, fácil, favorável e que pode manter-te feliz. São seis francos. *(Recebe o dinheiro.)*

A MULHER

Obrigada. Estás bem certo do que me disseste, não é verdade?

O ASTRÓLOGO

Sempre, pequena, estou sempre certo do que digo. Atenção, no entanto: fica entendido que coisa alguma aconteceu esta manhã. Mas o que não se passou pode, muito bem, perturbar meu horóscopo. Não sou responsável por aquilo que não aconteceu.

(A mulher se retira.)

Peçam seu horóscopo! O passado, o presente, o futuro garantido pelos astros fixos ! Eu disse fixos ! *(À parte)* Se os cometas começarem a se intrometer, minha profissão vai tornar-se impossível. Terei que me fazer governador.

GITANOS *(juntos)*

Um amigo que te quer bem. . .
Uma morena que cheira a laranja. . .
Uma grande viagem a Madri. . .
A herança das Américas. . .

UM GITANO *(sozinho)*

Após a morte do amigo louro, receberás uma carta escura.

(Sobre um tablado, ao fundo, ruído de tambor.)

OS COMEDIANTES

Abri vossos belos olhos, graciosas damas, e vós, senhores, prestai atenção! Os atores que vedes aqui, os maiores e mais renomados do reino de Espanha, aos

quais convenci, não sem dificuldades, a deixar a corte por este mercado, vão representar, para vos divertir, uma ato sacro do imortal Pedro de Lariba: *Os Espíritos.* Peça que vos deixará espantados e que as asas do gênio levaram, de um só golpe, às alturas das obras-primas universais. Composição prodigiosa, que o nosso rei amava a tal ponto, que a fazia representar, para ele, duas vezes por dia e que a contemplaria ainda, se eu não houvesse feito ver, a essa companhia sem igual, o interesse e a urgência de fazê-la conhecida também aqui, neste mercado, para edificação do público de Cádiz – o mais inteligente de todas as Espanhas. Aproximai-vos pois: o espetáculo vai começar.

(Começa, com efeito, o espetáculo. Mas não se ouvem os atores, cujas vozes são cobertas pelos ruídos do mercado.)

— Água fresca! Água fresca!
— A mulher-crustáceo. Metade mulher, metade peixe!
— Sardinhas fritas! Sardinhas fritas!
— Venham ver o rei da evasão, que foge de todas as prisões!
— Compra meus tomates, minha bela. São macios como teu coração!
— Rendas e linho para enxovais!
— Sem dor e sem palavrório, é Pedro que arranca os dentes!

NADA *(saindo bêbado da taberna)*
Esmaguem tudo! Façam uma pasta dos tomates e dos corações! Aprisionem o rei da evasão e quebremos os dentes de Pedro! Morte para o Astrólogo, que não previu tudo isso! Comamos a mulher-crustáceo e suprimamos tudo, menos o que se bebe!

(Um mercador estrangeiro, ricamente vestido, entra no mercado, no meio de um numeroso grupo de moças.)

O MERCADOR
Peçam, peçam a fita do cometa!

TODOS
Silêncio! Silêncio!

(Explicam-lhe, ao ouvido, sua loucura.)

O MERCADOR
Comprem, comprem a fita sideral

(Todos compram fitas. Gritos de alegria. Música. O Governador, com sua comitiva, chega ao Mercado. Todos se instalam.)

O GOVERNADOR

Vosso Governador vos saúda e se rejubila por ver-vos reunidos, como de costume, nestes lugares, entregues às ocupações que fazem a riqueza e a paz de Cádiz! Não, decididamente nada mudou — e isso é bom. As mudanças me irritam, amo meus hábitos.

UM HOMEM DO POVO

Não, Governador, nada mudou, realmente. Nós, os pobres, podemos assegurar-te. Os fins dos meses continuam duros. A cebola, pão e a azeitona fazem nossa subsistência e, quanto à galinha ensopada, estamos contentes por saber que outros, que não nós, a comem sempre aos domingos. Esta manhã, houve barulho na cidade e por cima da cidade. E, na verdade, tivemos medo. Medo de que qualquer coisa mudasse, de que, de repente, os miseráveis fossem constrangidos a se alimentar de chocolate. Mas, por teus cuidados, bom Governador, anunciaram-nos que nada se havia passado e que nossos ouvidos tinham escutado mal. Subitamente, eis-nos tranqüilos.

O GOVERNADOR

O Governador alegra-se com isso. Nada é bom, quando é novo.

OS ALCAIDES

O Governador disse bem. Nada é bom, quando é novo. Nós, alcaides, autorizados pela sabedoria e pelos anos, desejamos, particularmente, crer que nossos bondosos pobres não se permitem fazer ironia. A ironia é uma virtude destrutiva. Um bom Governador pretere os vícios que constroem.

O GOVERNADOR

E, enquanto esperamos, que ninguém se mova! Eu sou o rei da imobilidade!

OS BÊBADOS DA TABERNA *(em torno de Nada)*

Sim, sim, sim! Não, não, não! Que ninguém se mova, bom Governador. Tudo roda. em torno de nós - e é um grande sofrimento! Queremos a imobilidade! Que todo movimento pare! Que tudo seja suprimido, tudo menos O vinho e a loucura.

O CORO

Nada mudou! Nada acontece e nada aconteceu! As estações movem se em torno de seu eixo e no céu suave circulam astros prudentes, cuja tranqüila geometria condena essas estrelas loucas e desregradas, que incendeiam os prados do Céu,

com suas cabeleiras em chamas, perturbam, com seu uivo de alerta, a doce música dos planetas, sacodem, com o vento de seu curso, as gravitações eternas, fazem ranger as constelações e preparam, em todas as encruzilhadas celestes. funestas colisões de astros. Em verdade, tudo está em ordem e o mundo se equilibra! É o pleno dia do ano, a estação alta e imóvel! Felicidade! Felicidade! Eis o verão ! Que importa o resto, se a felicidade é nosso orgulho?

OS ALCAIDES

Se o céu tem hábitos, agradeçam, por isso, ao Governador, que é o rei do hábito. Ele também não ama as cabeleiras loucas. Todo seu reino é bem penteado!

O CORO

Sejamos prudentes. Permaneceremos prudentes, uma vez que, jamais, qualquer coisa mudará. Que faríamos nós, cabelos ao vento, olhar em chamas, boca estridente? Ficaremos orgulhosos com a felicidade dos outros!

OS BÊBADOS *(em torno de Nada)*

Suprimi o movimento, suprimi, suprimi! Não se movam, não nos movamos! Deixemos correr as horas e este reino será sem história! A estação imóvel é a estação de nossos corações, porque e a mais quente e nos leva a beber!

(Mas o tema sonoro de alerta, que recomeçara a zumbir, surdamente, sobe de repente, ao agudo, enquanto duas fortes pancadas ressoam. Sobre os tablados, um comediante, avançando em direção ao público, em prosseguimento à sua pantomima, cambaleia e cai no meio da multidão, que o cerca, imediatamente. Nem mais uma palavra, nem mais um gesto: o silêncio é completo. Alguns segundos de imobilidade e, depois, a precipitação geral. Diogo fura a multidão, que, se afasta lentamente, e descobre o homem. Dois médicos chegam e examinam o corpo, afastam-se e discutem, agitadamente. Um jovem pede explicações a um dos médicos, que faz gestos negativos. O jovem o pressiona e, encorajado pela turba, força-o a responder, sacode-o, cola-se a ele, no movimento de exortação e encontra-se, finalmente, lábio a lábio, com ele. Um ruído de aspiração e ele faz menção de apanhar uma palavra, da boca do médico. Afasta-se e, a custo, como se a palavra fosse grande demais para sua boca e fosse preciso grande esforço para libertar-se dela, pronuncia:)

A Peste.

(Todos dobram o joelho e cada um repete a palavra, cada vez mais forte e cada vez mais rapidamente, enquanto todos fogem, com largas curvas pelo palco. Em torno do Governador, que voltou ao estrado. O movimento acelera-se, precipita-se, como que enlouquece — até que as pessoas se imobilizam, em grupo, à voz do velho cura.)

O CURA

Para a igreja, para a igreja! O castigo chegou. O velho mal está sobre a cidade — enviado, como sempre, pelo Céu, às cidades corrompidas, para castigá-las, com a morte, de seus pecados mortais. Em vossas bocas mentirosas, vossos gritos serão esmagados e um seio de fogo pesará em vossos corações. Orai ao Deus da Justiça, para que esqueça e perdoe. Entrai na igreja, entrai na igreja!

(Alguns se precipitam para a igreja. Outros se voltam, mecanicamente, para a direita e para a esquerda, enquanto soa o sino dos mortos. No terceiro plano, o Astrólogo, como se fizesse um relatório ao governo, fala em tom muito natural.)

O ASTRÓLOGO

Uma conjunção maligna de planetas hostis acaba de se desenhar no plano dos astros. Significa e anuncia seca, fome e peste, para todos...

(Um novo grupo de mulheres cobre tudo com seu cacarejar.)

— Ele tinha, na garganta, um enorme bicho que lhe sugava o sangue, com um grosso ruído de sifão!
— Era uma aranha, uma enorme aranha negra!
— Verde. Era uma aranha verde!
— Não! Era um lagarto das algas!
— Não viste nada! Era um pólipo marinho, grande como um homúnculo!
—Diogo! Onde está Diogo?
— Haverá tantos mortos, que não restarão mais vivos, para enterrá-los!
— Ah! Se eu pudesse partir!
— Partir! Partir!

VITÓRIA

Diogo! Onde está Diogo?

(Durante toda a cena, o céu encheu-se de signos e o zumbido de alerta aumentou, acentuando o terror geral. Rosto iluminado, um homem sai de uma casa, gritando:

"Dentro de quarenta dias, será o fim do mundo!" De novo, o pânico realiza suas curvas, enquanto as pessoas repetem: "Dentro de quarenta dias, será o fim do mundo!" Surgem guardas, para deter o iluminado. Do outro lado aparece uma feiticeira, que distribui remédios.)

A FEITICEIRA

Melissa, menta, salva, rosmaninho, tomilho, açafrão, casca de limão, pasta de amêndoas... Atenção! Atenção! Estes remédios são infalíveis! *(Uma espécie de vento frio se eleva, enquanto o sol começa a deitar-se e faz com que as cabeças se ergam.)* O vento! Eis o vento! Eis o vento! O flagelo tem horror ao vento. Tudo vai melhorar!

(Ao mesmo tempo, o vento sopra, o ruído sobe ao agudo, duas grandes batidas ressoam, ensurdecedoras e um pouco mais próximas. Dois homens caem, no meio da multidão. Todos dobram os joelhos e começam a afastar-se dos corpos, recuando. Permanece em cena a Feiticeira, com os dois homens a seus pés. Estes têm manchas nos pescoços e nas virilhas. Os doentes se contorcem, fazem dois ou três gestos e morrem — enquanto a noite desce lentamente sobre a multidão que se desloca sempre para o exterior, deixando os cadáveres ao centro.

Escuridão.

Luz na igreja. Projetor sobre o palácio do Rei. Luz na casa do Juiz. A cena é alternada.)

NO PALÁCIO

PRIMEIRO ALCAIDE

Excelência, a epidemia avança, com uma rapidez que ultrapassa todos os socorros. Os quarteirões estão mais contaminados do que se possa imaginar, o que me leva a pensar que é preciso dissimular a situação e não dizer, a qualquer preço, a verdade ao povo. De resto, no momento, a doença está atacando, sobretudo, os quarteirões dos arredores, que são pobres e estão superlotados. Pelo menos há isso de satisfatório, em nossa desgraça.

(Murmúrio de aprovação.)

NA IGREJA

O CURA

Aproximai-vos. E que cada um confesse, em público, o que já fez de pior. Abri vossos corações, malditos! Dizei-vos, uns aos outros, o mal que já cometestes ou que premeditastes cometer, para que o veneno do pecado não vos sufoque e não vos leve ao inferno, tão certo como o polvo da peste... Quanto a mim, acuso-me, somente, de ter faltado à caridade.

(Três confissões, em mímica, no decorrer do diálogo que segue.)

NO PALÁCIO

O GOVERNADOR

Tudo se arranjará. O aborrecido é que eu devia ir à caça. Essas coisas acontecem, sempre, quando se tem qualquer coisa importante a realizar. Que posso fazer?

PRIMEIRO ALCAIDE

Não deveis faltar à caçada — quando menos para exemplo. A cidade deve saber que sois sereno diante da adversidade.

NA IGREJA

TODOS

Perdoai-nos, Deus! Perdoai-nos o que fizemos e o que jamais fizemos!

NA CASA DO JUIZ

(O Juiz lê salmos, cercado de sua família.)

O JUIZ

"O Senhor é meu refúgio e minha cidadela.
Pois é ele que me preserva da armadilha do passarinheiro.
E da peste assassina !"

A MULHER

Casado, não poderíamos sair?

O JUIZ

Já saíste demais, em tua vida, mulher. E isso não fez nossa felicidade.

A MULHER

Vitória ainda não voltou e eu receio que seja atingida pelo mal.

O JUIZ

Nunca receaste o mal, em ti. E, com isso, perdeste a honra. Fica. Aqui é a casa tranqüila, no meio do flagelo. Tudo previ e, entrincheirados durante o tempo da peste, esperaremos o fim. Se Deus nos ajudar, nada sofreremos.

A MULHER

Tens razão, Casado. Mas não somos os únicos. Outros sofrerão. Vitória talvez esteja em perigo.

O JUIZ

Deixa os outros e pensa nesta casa. Pensa em teu filho, por exemplo. Manda buscar toda provisão que puderes. Paga o preço que for preciso. Mas armazena, mulher, armazena! Chegou o tempo de armazenar! *(Lê.)* "O Senhor é meu refúgio e minha cidadela...."

NA IGREJA

O CORO

"Nada terás a temer.
Nem os terrores da noite,
Nem as flechas que voam de dia.
Nem a peste que caminha na sombra,
Nem a epidemia que se arrasta em pleno dia."

VOZ

Ó grande e terrível Deus!

(Luz na praça. Movimento do povo ao ritmo de uma copla.)

O CORO

"Assinaste sobre a areia.
Escreveste sobre o mar.
Não resta senão a dor."

(Entra Vitória. Projetor sobre a praça)

VITÓRIA
Diogo! Onde está Diogo?

UMA MULHER
Está ao lado dos doentes. Atende aos que o chamam.

(Vitória corre para uma das extremidades da cena e choca-se com Diogo, que traz a máscara dos médicos da peste. Ela recua, num grito.)

DIOGO *(docemente)*
Faço-te tanto medo assim, Vitória?

VITÓRIA (num grito)
Ah! Diogo! Tu, enfim! Tira esta máscara e abraça-me. Aperta-me bem junto a ti e eu serei salva deste mal! *(Ele não se move)* Que está mudado, entre nós? Há horas te procuro, correndo através da cidade, apavorada à idéia de que o mal poderia atingir-te, também — e encontro-te com esta máscara de tormento e de doença. Tira-a. Tira esta máscara, peço-te, e toma-me em teus braços. *(Ele tira a máscara)* Quando vejo tuas mãos, minha boca seca. Beija-me. *(Ele permanece imóvel. E Vitória, mais baixo)* Beija-me. Estou morrendo de sede. Por acaso te esqueceste de que ontem, há apenas um dia, ficamos comprometidos um com o outro? Durante a noite toda esperei este dia, em que irias beijar-me, com todo o teu amor. Depressa! Depressa!

DIOGO
Sinto piedade, Vitória!...

VITÓRIA
Eu também sinto piedade. Mas de nós. Piedade de nós. Por isso te procurei. Gritando, pelas ruas, correndo à tua procura — meus braços estendidos, para ligá-los aos teus. *(Avança para ele.)*

DIOGO
Não toques em mim. Afasta-te.

VITÓRIA
Por quê?

DIOGO
Não me reconheço mais. Nunca um homem me fez medo, mas isso me ultrapassa, a honra não me serve de nada e eu sinto que me abandono. *(Vitória avança para ele)* Não. Não toques em mim. Talvez o mal já esteja em meu

corpo e eu te contaminarei. Espera um pouco. Deixa-me respirar: estou estrangulado pelo estupor. Nem mesmo mais sei como segurar esses homens e fazê-los virarem-se em seus leitos. Minhas mãos tremem de horror e a piedade cega meus olhos. *(Gritos e gemidos)* E, no entanto, eles me chamam. Ouves? É preciso que eu volte. Mas cuida de ti, cuida de nós! Tudo isso vai terminar, não o duvides.

VITÓRIA
Não me deixes.

DIOGO
Vai terminar, sim. Sou muito jovem e amo-te demais. A morte me faz horror.

VITÓRIA (num ímpeto, para ele)
Mas eu estou viva. Viva!

DIOGO *(recuando)*
Que vergonha, Vitória, que vergonha!

VITÓRIA
Vergonha? Vergonha por quê?

DIOGO
Parece que tenho medo.

(Ouvem-se gemidos. Ele corre na direção desses gemidos. Movimento do povo, ao ritmo de uma copla.)

O CORO
Quem tem razão? Quem está errado?
Sonha
Que tudo aqui embaixo é mentira.
Só há verdade na morte.

(Projetor sobre a igreja e sobre o palácio do Governador.
Salmos e preces, na igreja.
Do palácio, o Primeiro Alcaide dirige-se ao povo.)

PRIMEIRO ALCAIDE
Ordem do Governador! A partir de hoje, em sinal de penitência, face à desgraça comum e para evitar os riscos do contágio, toda reunião pública é interditada e todo divertimento proibido. Outrossim...

UMA MULHER (que começa a gritar, no meio do povo)

Ali! Ali! Estão escondendo um morto. Não é possível deixá-lo onde está: vai empestar tudo. Vergonha para os homens! É preciso enterrá-lo!

(Desordem. Dois homens saem, arrastando a mulher.)

O ALCAIDE

Outrossim, o Governador está com possibilidades de tranqüilizar os cidadãos, sobre a evolução do flagelo inesperado que se abateu sobre a cidade. Do ponto de vista de todos os médicos, bastará que o vento do mar se levante, para que a peste recue. Deus ajudando.

(Mas os dois enormes estampidos o interrompem, seguidos de dois outros, enquanto o sino dos mortos dobra e as preces soam, na igreja. Depois, um silêncio de terror, no meio do qual entram dois personagens estranhos: um homem e uma mulher, que todos fitam. O homem é corpulento. Não usa chapéu. Usa uma espécie de uniforme, com uma condecoração. A mulher também usa uniforme, com mangas e golas brancas. Na mão, um caderno de apontamentos. Avançam até o palácio do Governador e saúdam.)

O GOVERNADOR

Que quereis de mim, estrangeiros?

OHOMEM *(em tom cortês)*

Vosso lugar.

TODOS

Quê? Que disse ele?

O GOVERNADOR

Escolhestes mal o momento. E esta insolência pode custar-vos caro. Mas... com certeza não compreendemos bem. Quem sois?

O HOMEM

Adivinhai.

PRIMEIRO ALCAIDE

Não sei quem sois, estrangeiro, mas sei onde ides terminar.

O HOMEM *(muito calmo)*
Vós me surpreendeis. Que pensais disso, cara amiga? Será preciso dizer-lhes quem sou?

A SECRETÁRIA
Habitualmente, o fazemos com mais diplomacia.

O HOMEM
Mas esses senhores são por demais insistentes.

A SECRETÁRIA
Terão, sem dúvida, as suas razões. E, além disso, estamos em visita: devemos curvar-nos aos costumes do lugar.

O HOMEM
Compreendo-vos. Mas não iríamos criar confusão, nestes bons espíritos?

A SECRETÁRIA
Uma confusão é sempre preferível a uma impolidez.

O HOMEM
Sois convincente. Mas restam-me alguns escrúpulos.

A SECRETÁRIA
De duas, uma....

O HOMEM
Escuto-vos...

A SECRETÁRIA
Ou vós o dizeis, ou não o dizeis. Se o disserdes, saberão de que se trata. Se não, alguém os fará saber.

O HOMEM
Isso me esclarece totalmente.

O GOVERNADOR
Pelo menos, será o suficiente. Antes de tomar as medidas que convêm, eu vos intimo, pela última vez, a dizerdes quem sois e o que quereis.

OHOMEM *(sempre natural)*
Sou a Peste. E vós?

OGOVERNADOR
A Peste?

O HOMEM
Sim. E preciso de vosso lugar. Estou desolado, acreditai... mas tenho muito que fazer. Se eu vos desse... digamos, duas horas? Seriam o bastante para me passardes os poderes?

O GOVERNADOR
Estais indo longe demais e sereis punido por essa impostura. Guardas!

O HOMEM
Esperai. Não desejo forçar ninguém. Sou, por princípio, correto. Concordo que minha conduta vos pareça surpreendente. Afinal de contas, não me conheceis. Mas desejo, verdadeiramente, que me entregueis vosso lugar, sem me obrigardes a determinadas provas. Não podeis acreditar, sob palavra?

O GOVERNADOR
Não tenho tempo a perder. E esta brincadeira já está durando demais. Prendei este homem!

O HOMEM
Tenho que resignar-me. Mas tudo isso é tão aborrecido... Cara amiga, uma irradiação, por favor.

(Estende o braço para um dos guardas. A Secretária risca, ostensivamente, qualquer coisa, no caderno de notas. Um estrondo ressoa. O guarda cai. A Secretária o examina.)

A SECRETÁRIA
Tudo em ordem, senhor. As três manchas estão lá. *(Aos outros, amavelmente)* Uma só mancha... e sereis suspeitos. Duas... e estareis contaminados. Três — e a irradiação estará completada. Tudo muito simples.

O HOMEM
Ah! Esquecia-me de vos apresentar minha Secretária. Aliás, deveis conhecê-la. Mas encontra-se tanta gente por aí...

A SECRETÁRIA
Eu os desculpo. Tanto mais que todos acabam por me reconhecer.

O HOMEM

Um temperamento feliz, como vedes. Alegre, realizada, cuidadosa com a sua pessoa.

A SECRETÁRIA

Não há mérito nisso. O trabalho é mais fácil entre flores frescas e lindos sorrisos.

O HOMEM

Eis um princípio excelente. Mas voltemos ao nosso assunto. *(Ao Governador)* Dei-vos não é verdade? — uma prova eloqüente de minha seriedade. Nada dizeis? Estou vendo que vos assustei. Coisa muito contra o meu feitio, acreditai. Preferiria um entendimento amistoso, uma conversa baseada na confiança recíproca, garantida por vossa palavra e pela minha, um acordo concluído sempre com honra. Além disso, nunca é tarde para se acertar. A prorrogação por duas horas vos parece suficiente? *(O Governador sacode a cabeça, negativamente. E o Homem, voltando-se para a Secretária)* Como tudo isso é desagradável!...

A SECRETÁRIA (sacudindo a cabeça)

Criaturas obstinadas!... Que contratempo!

O HOMEM *(ao Governador)*

Faço questão, no entanto, de obter vosso consentimento. Nada desejo fazer sem vossa aquiescência: seria agir contra meus princípios. Minha colaboradora vai proceder tantas irradiações quantas forem necessárias, para obter, de vós todos, livre aprovação à pequena reforma que proponho. Estais pronta, cara amiga?

A SECRETÁRIA

O tempo, apenas, de acertar a ponta de meu lápis — e tudo será pelo melhor, no melhor dos mundos.

OHOMEM *(suspirando)*

Sem vosso otimismo, essa tarefa me seria bastante penosa.

A SECRETÁRIA (fazendo a ponta do lápis)

A perfeita secretária deve estar certa de que tudo pode ser remediado, de que não há erro de contabilidade que não acabe por ser corrigido, nem encontro falhado que não possa ser recuperado. Que não há desgraça que não possua seu lado bom. A própria guerra tem suas virtudes e não há nem mesmo cemitérios que não constituam bons negócios, desde que as concessões de perpetuidade sejam renovadas de dez em dez anos.

O HOMEM
Vossa palavra é ouro... Vosso lápis já está com ponta?

A SECRETÁRIA
Já. E podemos começar.

O HOMEM
Vamos! *(O Homem designa Nada, que se aproximou, mas este estoura um riso de bêbado.)*

A SECRETÁRIA
Desejo advertir-vos de que este aí pertence ao gênero dos que em nada crêem — e que esse gênero nos é bastante útil.

O HOMEM
Muito justo. Comecemos, então, por um desses alcaides.

(Pânico entre os alcaides.)

O GOVERNADOR
Parem!

A SECRETÁRIA
Bom sinal, Excelência.

O HOMEM *(solícito)*
Posso servi-lo em alguma coisa, Governador?

O GOVERNADOR
Se eu vos ceder o lugar, poupareis a vida a meus alcaides?

O HOMEM
Mas naturalmente! É praxe.

(O Governador conferencia com os alcaides e, depois, volta-separa o povo.)

O GOVERNADOR
Povo de Cádiz! Estou certo de que compreendeis que tudo está mudado. Em vosso próprio interesse, talvez convenha que eu deixe esta cidade entregue ao novo poder que acaba de manifestar-se. O acordo que firmei com esse novo poder evitará, sem dúvida, o pior — e tereis, assim, a certeza de conservar, fora de vossos muros, um governo que poderá, um dia, vos ser útil. Não preciso

dizer-vos que, assim agindo, não estou obedecendo a cuidados pela minha segurança, mas...

O HOMEM
Perdoai-me a interrupção. Mas eu ficaria feliz em vos ouvir esclarecer, publicamente, que consentis, de bom grado, nessas úteis disposições e de que se trata, naturalmente, de um acordo livre.

(O Governador olha para o lado deles. A Secretária leva o lápis à boca.)

O GOVERNADOR
Claro! É em plena liberdade que concluo este novo acordo. *(Balbucia, recua e foge. O êxodo começa.)*

O HOMEM *(ao Primeiro Alcaide)*
Por favor, não vos retireis assim, tão depressa. Tenho necessidade de um homem da confiança do povo, por intermédio do qual eu possa dar conhecimento de minhas decisões. *(O Primeiro Alcaide hesita.)* Aceitais, naturalmente... *(À Secretária)* Cara amiga...

PRIMEIRO ALCAIDE
Mas naturalmente. É uma grande honra.

O HOMEM
Perfeito. Nessas condições, cara amiga, deveis comunicar ao Alcaide quais de nossos decretos devem ser dados a conhecer a essa boa gente, para que todos comecem a viver dentro do regulamento.

A SECRETÁRIA
Ordem concebida e publicada pelo Primeiro Alcaide e seus conselheiros...

PRIMEIRO ALCAIDE
Mas eu ainda nada concebi...

A SECRETÁRIA
É um trabalho que vos poupam. E parece-me que devíeis orgulhar-vos de que nossos serviços se dêem ao trabalho de redigir aquilo que, assim, ides ter a honra de assinar.

PRIMEIRO ALCAIDE
Sem dúvida, mas...

A SECRETÁRIA

Ordem com função de ata promulgada, em plena obediência à vontade de nosso bem-amado soberano, para regulamentação e assistência filantrópica dos cidadãos atingidos por infecção e, ainda, de todas as pessoas, tais como guardas, executores e coveiros, cujo compromisso será o de aplicar, estritamente, as ordens que lhes forem dadas.

PRIMEIRO ALCAIDE

Que linguagem *é* esta?

A SECRETÁRIA

É para habituá-los a um pouco de obscurantismo. Quanto menos compreenderem, tanto melhor marcharão. Isso dito, eis as ordens que ides gritar, pela cidade, uma após outra, a fim de que a digestão seja facilitada, por elas, mesmo às pessoas mais lentas de compreensão. Eis nossos mensageiros. Seus rostos amáveis ajudarão a fixar a lembrança de suas palavras.

(Os mensageiros se apresentam.)

O POVO

O Governador vai-se embora! O Governador vai-se embora!

NADA

É seu direito, povo, é seu direito. O Estado é ele — e é preciso proteger o Estado.

O POVO

O Estado é ele — e, agora, ele não é mais nada. E, uma vez que ele se vai, a Peste será o Estado.

NADA

Que diferença isso vos faz? Peste, ou Governador, é sempre o Estado.

(O povo deambula e parece procurar saídas. Um mensageiro se adianta.)

PRIMEIRO MENSAGEIRO

Todas as casas infectadas deverão ser marcadas, no meio da porta, por uma estrela negra, ornada com esta inscrição: “Somos todos irmãos”. A estrela deverá permanecer até a reabertura da casa, sob pena dos rigores da lei. *(Retira-se.)*

UMA VOZ
Que lei?

OUTRA VOZ
A nova lei, naturalmente.

O CORO
Nossos senhores diziam que nos protegeriam e, no entanto, aqui estamos nós. Brumas terríveis começam a avolumar-se nos quatro cantos da cidade; dissipam, pouco a pouco, o perfume dos frutos e das rosas; empanam a glória da estação; sufocam o júbilo do estio. Ah! Cádiz! Cidade marítima! Ainda ontem, e por cima do estreito, o vento do deserto, mais espesso, de sua passagem pelos jardins africanos, vinha enlanguescer nossas filhas. Mas o vento cessou — e só ele poderia purificar a cidade. Nossos senhores afirmavam que jamais nada aconteceria e eis que o outro tinha razão: qualquer coisa está acontecendo, e estamos dentro dela, enfim, e precisamos fugir, fugir sem demora, antes que todas as portas se fechem sobre nossa desgraça.

SEGUNDO MENSAGEIRO
Todos os gêneros de primeira necessidade estarão, de agora em diante, à disposição da comunidade, isto é, serão distribuídos em partes iguais e ínfimas a todos aqueles que puderem provar sua leal participação na nova sociedade.

(A primeira porta se fecha.)

TERCEIRO MENSAGEIRO
Todas as luzes devem ser apagadas, às nove horas da noite, e nenhum cidadão poderá permanecer em lugar público, ou circular nas ruas da cidade, sem um passaporte, devidamente em forma, que só será concedido em casos extremamente raros e, sempre, em termos arbitrários. Toda contravenção a estas disposições será punida com os rigores da lei.

VOZES *(crescendo)*
—Vão fechar as portas!
—As portas serão fechadas!
—Não, nem todas estão fechadas.

OCORO
Ah! Corramos para aquelas que ainda se abrem. Somos filhos do mar. É lá, lá longe, que precisamos chegar. Ao país sem muralhas e sem portas. As praias virgens, onde a areia tem o frescor dos lábios e onde o olhar alcança tão longe, que se fatiga. Corramos ao encontro do vento! Ao mar! O mar, enfim, o mar livre, a água que lava, o vento que liberta!

VOZES

Ao mar! Ao mar!

(O êxodo precipita-se.)

QUARTO MENSAGEIRO

É expressamente proibido prestar assistência a qualquer pessoa atingida pela doença, a não ser denunciando-a às autoridades que, dela, se encarregarão. A denúncia, entre membros da mesma família, é particularmente recomendada e será recompensada pela atribuição de uma dupla ração alimentar, dita ração cívica.

(A segunda porta se fecha.)

O CORO

Ao mar! Ao mar! O mar nos salvará. Que lhe importam doenças e guerras! O mar já viu e cobriu muitos governos. Só oferece manhãs vermelhas e tardes verdes — e, da manhã à noite, o movimento interminável de suas águas, ao longo de noites transbordantes de estrelas.

Ó solidão, deserto, batismo do sal! Ser só, diante do mar, no vento, frente ao sol, libertado, enfim, dessas cidades, seladas como sepulturas, e dessas faces humanas, fechadas pelo medo. Depressa! Depressa! Quem me libertará do homem e de seus terrores? Eu era feliz, por cima dos tempos, abandonado entre os frutos, a natureza igual, o verão propício. Eu amava o mundo — e havia a Espanha e eu. Mas já não ouço o ruído das vagas. E sim os clamores, o pânico, o insulto e a covardia. Vejo meus irmãos entorpecidos, pelo suor e pela agonia, tão pesados, de agora em diante, para transportar. Quem me restituirá os mares do esquecimento, a água calma do mar alto, seus líquidos caminhos e seus sulcos logo recobertos? Ao mar! Ao mar, antes que as portas se fechem!

UMA VOZ

Depressa! Não toquem em quem estava perto do morto.

OUTRA VOZ

Está marcado!

VOZ

Afastem-se ! Afastem-se!

(Ferem-no. A terceira porta se fecha.)

VOZ

Ó grande e terrível Deus!

VOZ

Depressa! Apanha o que for preciso, o colchão ou a gaiola dos pássaros! Não esqueçam a coleira do cão! E o pote de menta fresca, também. Nós a mastigaremos até chegarmos ao mar!

VOZ

Ladrão! Ladrão! Roubou a toalha branca de meu casamento!

(Perseguição. Atingem. Ferem. A quarta porta se fecha.)

VOZ

Esconde isso, vamos! Esconde nossas provisões.

VOZ

Nada tenho para viagem... Dá-me um pão, irmão. E eu te darei minha guitarra, incrustada de madrepérola.

VOZ

Este pão é para meus filhos e não para aqueles que se dizem meus irmãos. Há graduações, no parentesco...

VOZ

Um pão! Todo o meu dinheiro por um só pão.

(A quinta porta se fecha)

O CORO

Depressa! Sé resta uma porta aberta! O flagelo corre mais do que nós. Odeia o mar e não quer que o reencontremos. As noites são calmas e as estrelas passeiam por cima dos mastros. Que faria, aqui, a Peste? Ela quer nos guardar sob seu domínio, ela nos ama a seu modo. Quer que sejamos felizes, como o entende e não como nós queremos. Quer que aceitemos prazeres forçados, a vida fria, a felicidade perpétua. Tudo se fixa — e nós não sentimos mais sobre nossos lábios a antiga frescura do vento.

VOZ

Padre, não me deixes: eu sou teu pobre!...

(O padre foge)

O POBRE

Ele foge! Está fugindo! Guarda-me perto de ti. Tua tarefa é te ocupares de mim. Se te perco, perderei tudo. *(O padre escapa. O pobre cai — gritando)* Cristãos

da Espanha, estais abandonados!

QUINTO MENSAGEIRO *(destacando as palavras)*
Enfim — e será o resumo. *(A Peste e sua Secretária, diante do Primeiro Alcaide, aprovam, congratulando-se)* A fim de evitar qualquer contágio pela comunicação do ar, uma vez que as próprias palavras poderão ser veículos da infecção, é ordenado, a cada um dos habitantes, que traga, constantemente, na boca, um tampão embebido em vinagre, que o preserve do mal e, ao mesmo tempo, o conduza à discrição e ao silêncio.

(A partir desse momento, cada personagem vai colocando um lenço na boca e o número de vozes diminui, ao mesmo tempo que a amplitude da orquestra. O Coro, iniciado com várias vozes, acabará com uma só voz, até a pantomima final, que se desenrola em completo silêncio — as bocas dos personagens intumescidas e fechadas. Á última porta fecha-se, batendo com estrépito.)

O CORO
Desgraça! Desgraça! Estamos sós — a Peste e nós. A última porta fechou-se! Não estamos ouvindo mais nada. O mar, de agora em diante, está por demais longínquo. Agora, estamos dentro da dor e teremos que rodar em torno desta cidade, sem árvores e sem águas, fechada por altas portas lisas, coroada por multidões ululantes. Cádiz! Uma arena negra e vermelha, onde serão realizados os assassínios rituais. Irmãos! Esta angústia é maior do que a nossa falta, não merecemos esta prisão! Nossos corações não eram inocentes, mas nós amávamos o mundo e seus verões — e isso nos deveria ter salvo! Os ventos estão imóveis e o céu está vazio! Vamos calar por muito tempo. Mas por uma vez ainda, pela última vez, antes que nossas bocas se fechem sob a mordaça do terror, gritaremos no deserto!

(Gemidos e silêncio. Da orquestra, restam apenas os sinos. O zumbido do cometa recomeça, docemente. No palácio do Governador, reaparecem a Peste e sua Secretária. A Secretária avança, riscando um nome, a cada passo — enquanto a bateria esconde cada um de seus gestos. Nada ri, escarninho, e a primeira carroça de mortos passa, rangendo.

A Peste ergue-se ao alto do cenário e faz um gesto. Tudo pára — ruídos e movimentos. A Peste fala.)

A PESTE

Eu reino. É um fato. É, portanto, um direito. Mas um direito que não se discute, ao qual deveis adaptar-vos. Aliás, não vos iludais: se reino, é à minha maneira e até seria mais certo dizer que funciono. Vós, espanhóis, sois um pouco romanescos e espontaneamente me veríeis sob o aspecto de um rei negro, ou de um suntuoso inseto. O patético vos é necessário, todos o sabem. Pois bem: não. Não possuo cetro e tomei o aspecto de um suboficial. É a maneira que encontrei para vos atormentar, pois é bom que sejais atormentados: tendes tudo por aprender. Vosso rei tem as unhas negras e o uniforme sóbrio. Não está sentado no trono: está sitiando. Seu palácio é uma caserna; seu pavilhão de caça, um tribunal. O estado de sítio está proclamado.

Eis por que — anotai isso — quando eu chego, o patético retira-se. Está proibido, como estão proibidos a ridícula angústia da felicidade, o rosto estúpido dos apaixonados, a contemplação egoísta das paisagens e a criminosa ironia. Em lugar de tudo isso, trago a organização. Isso vos incomodará um pouco, no início, mas acabareis por compreender que uma boa organização vale muito mais do que um mau patético. E, para ilustrar este belo pensamento, começo por separar os homens das mulheres. E isso terá força de lei.

(Os guardas começam a cumprir a lei.)

Vossas macaquices tiveram seu momento. Agora, trata-se de serdes sérios! Suponho que já me compreendestes. A partir de hoje, ides aprender a morrer na ordem. Até aqui, tendes morrido à espanhola, um pouco ao acaso: porque fez frio, após ter feito calor; porque vossas mulas tropeçavam; porque a linha dos Pireneus era azul; porque, na primavera, o rio Guadalquivir atrai os solitários, ou porque existem imbecis desenfreados, que matam por lucro, ou pela honra — quando é tão mais distinto matar pelos prazeres da lógica. Sim: morreis mal. Um morto aqui, um morto lá, este em sua cama, aquele na arena. Pura libertinagem. Felizmente, porém, essa desordem vai ser administrada. Uma só espécie de morte, para todos — e de acordo com a bela ordem de uma lista. Tereis vossas fichas, não morrereis mais por capricho. O destino, de agora em diante, vai tomar juízo, já tem seus escritórios. Fareis parte da estatística e ireis, enfim, servir para alguma coisa. Ia me esquecendo de dizer que, está claro, morrereis, mas sereis incinerados, em seguida, ou mesmo antes: é mais limpo e faz parte do plano: a Espanha em primeiro lugar!

Ficar em fila, para morrer bem, eis o principal! A esse preço, tereis meus favores. Mas muita atenção: nada de idéias insensatas, ardores de alma, como costumais dizer, pequenas febres que geram as grandes revoltas. Suprimi essas complacências e coloquei a lógica em seu lugar. Tenho horror a essa diferença e a esse desatino. A partir de hoje, sereis, pois, razoáveis, o que quer dizer que tereis vossa insígnia. Marcados nas virilhas, levareis, publicamente, sob a axila, a estrela do bubão que vos identificará, para serdes feridos. Os outros, os que, persuadidos de que isso não lhes diz respeito, afastar-se-ão de vós, que sereis suspeitos. Mas evitai qualquer amargura: isso lhes diz respeito, também. Eles

estão na lista e eu não me esqueço de ninguém. Todos suspeitos — eis um bom começo.

De resto, nada disso impede o sentimentalismo. Amo os pássaros, as primeiras violetas, a boca fresca das jovens. De quando em quando, é refrescante e é verdade que sou idealista. Meu coração... Bem, sinto que me estou enternecendo e não quero ir mais longe. Resumamos, somente. Trago-vos o silêncio, a ordem e a absoluta justiça. Não vos peço agradecimentos: o que faço por vós é muito natural. Mas exijo vossa colaboração ativa. Meu ministério começou.

PANO

PARTE II

Uma praça de Cádiz. Do lado do jardim, a portaria do cemitério. Do lado do pátio, um cais. Perto do cais, a casa do Juiz.

Ao erguer-se o pano, os coveiros, com roupas de presidiários, recolhem os mortos. Ouve-se o ranger da carreta — vindo dos bastidores. Aparece e pára no meio da cena. Os presidiários a carregam. A carreta volta para a portaria. No momento em que se detém, diante do cemitério, ouve-se música militar e a portaria abre-se ao público, por um de seus lados. Parece um pátio de escola. A Secretária pontifica. Um pouco mais abaixo, mesas semelhantes às que são usadas para distribuição dos cartões de racionamento. Atrás de uma delas, o Primeiro Alcaide, com seu bigode branco, cercado de funcionários. A música aumenta. Do outro lado, os guardas expulsam o povo; na portaria, mulheres e homens, separados.

Luz ao centro. Do alto de seu palácio, a Peste dirige operários invisíveis, dos quais apenas se percebe a agitação em torno da cena.

A PESTE

Vamos! Todos vós: apressai-vos. As coisas estão andando muito devagar nesta cidade. O povo daqui não é trabalhador. É visível que prefere o ócio. Quanto a mim, só admito a inatividade nas casernas e nas filas. Esse tipo de ócio sim, é bom: esvazia o coração e as pernas. É um ócio que não serve para nada. Apressemo-nos! Acabai de erguer minha torre: a vigilância não está instalada.

Cercai a cidade de sebes espinhosas. Cada pessoa tem sua primavera. A minha dá rosas de ferro. Acendei os fornos — que são nossos fogos festivos. Guardas! Colocai nossas estrelas sobre as casas das quais pretendo ocupar-me. E vós, cara amiga, começai a redigir nossas listas e providenciai nossos certificados de existência.

(A Peste sai, pelo lado oposto.)

O PESCADOR *(que corresponde ao corifeu)*
Para quê um certificado de existência?

A SECRETÁRIA
Para quê? Como iríeis vos arranjar, para viver, sem um certificado de existência?

O PESCADOR
Até agora, vivemos muito bem sem isso.

A SECRETÁRIA
Porque não éreis governados, enquanto agora o sois. E o grande princípio de nosso governo é, justamente, que sempre se tem necessidade de um certificado. Podemos passar sem pão, sem mulher, mas um atestado em regra, que certifique não importa o que, eis aí uma coisa de que não nos poderíamos privar!

O PESCADOR
Há três gerações, em minha família, lançamos rede —e o trabalho sempre foi feito limpamente. E, juro-vos, sem qualquer papel escrito!

VOZ
Somos açougueiros, de pais a filhos. Nunca nos servimos de um certificado, para abater um carneiro.

A SECRETÁRIA
Estáveis na anarquia, eis tudo. Reparai que nada temos contra os matadouros, pelo contrário. Mas introduzimos, neles, os aperfeiçoamentos da contabilidade. Nossa superioridade está nisso. Quanto a atirar redes... vereis que também temos uma extraordinária habilidade.
Senhor Primeiro Alcaide, já tendes os formulários?

PRIMEIRO ALCAIDE
Ei-los.

A SECRETÁRIA
Guardas, por favor: fazei com que esse senhor se aproxime.

(Fazem com que o Pescador se aproxime)

PRIMEIRO ALCAIDE *(lendo)*
Nome, sobrenome, profissão.

A SECRETÁRIA
Deixai isso. O cavalheiro encherá os claros, oportunamente.

PRIMEIRO ALCAIDE
Curriculum vitae.

O PESCADOR
Não estou compreendendo.

A SECRETÁRIA
Quer dizer que deveis indicar, aqui, os acontecimentos importantes de vossa vida. E uma maneira de travar conhecimento convosco.

OPESCADOR
Minha vida pertence-me. E assunto privado, que não diz respeito a ninguém.

A SECRETÁRIA
Assunto privado! Essas palavras não têm mais sentido, para nós. Trata-se, naturalmente, de vossa vida pública. A única, aliás, que vos será autorizada. Senhor Alcaide, passemos aos detalhes.

PRIMEIRO ALCAIDE
Casado?

O PESCADOR
Em 31.

PRIMEIRO ALCAIDE
Motivo da união?

O PESCADOR
Motivo da união! Mas eu vou estourar!

A SECRETÁRIA
Está escrito. E é uma boa maneira de tornar público o que deve deixar de ser

pessoal.

O PESCADOR
Casei-me, porque é sempre o que fazemos, quando ficamos homens.

PRIMEIRO ALCAIDE
Divorciado?

O PESCADOR
Não. Viúvo.

PRIMEIRO ALCAIDE
Casado de novo?

O PESCADOR
Não.

PRIMEIRO ALCAIDE
Por quê?

O PESCADOR *(berrando)*
Eu amava minha mulher.

A SECRETÁRIA
É bem bizarro. Por quê?

O PESCADOR
Será que podemos explicar tudo?

A SECRETÁRIA
Sim. Em uma sociedade bem organizada, sim.

PRIMEIRO ALCAIDE
Antecedentes?

O PESCADOR
Que é isso?

PRIMEIRO ALCAIDE
Já foi condenado, alguma vez, por pilhagem, perjúrio ou roubo?

O PESCADOR
Jamais!

A SECRETÁRIA
Um homem honesto! Eu já desconfiava! Senhor Primeiro Alcaide, acrescentai à menção: a fiscalizar.

PRIMEIRO ALCAIDE
Sentimentos cívicos?

O PESCADOR
Sempre servi bem a meus concidadãos. E nunca deixei que um pobre se fosse sem lhe dar um pouco de bom peixe.

A SECRETÁRIA
Esta maneira de responder não está autorizada.

PRIMEIRO ALCAIDE
Oh! Quanto a isso, posso explicar muito bem. Bem sabeis que essa questão de sentimentos cívicos e minha especialidade. Trata-se de saber, meu amigo, se sois daqueles que respeitam a ordem existente pela sua própria existência.

O PESCADOR
Sim. Quando é justa e razoável.

A SECRETÁRIA
Indeciso. Anotai que seus sentimentos cívicos são duvidosos. E lede a última pergunta.

PRIMEIRO ALCAIDE *(decifrando, com dificuldade)*
Razões de ser?

O PESCADOR
Que minha mãe seja mordida no lugar do pecado, se eu puder compreender alguma coisa dessa falação toda.

A SECRETÁRIA
Isso significa que deveis dar as razões que tendes para estar vivendo.

PESCADOR
As razões? Que razões quereis que eu encontre?

A SECRETÁRIA
Estais vendo? Reparai bem, Senhor Primeiro Alcaide, que o abaixo assinado reconhece que sua existência é injustificável. Estaremos mais livres, por isso, quando o momento vier. E vós, abaixo assinado, compreendereis melhor por

que o certificado de existência vos será fornecido em caráter provisório e em termos.

O PESCADOR
Provisório, ou não, dai-mo de uma vez, para que eu retome à casa, onde me esperam.

A SECRETÁRIA
Certamente. Mas, antes, deveis receber um atestado de saúde, que vos será entregue, mediante pequenas formalidades, no primeiro andar, divisão dos processos em curso, escritório das tramitações, seção auxiliar.

(O Pescador sai. A carreta dos mortos chega, à porta do cemitério, e começam a descarregá-la. Nada, bêbado, salta da carreta, berrando.)

NADA
Já vos disse que não estou morto!
(Tentam reconduzi-lo à carreta. Ele escapa e entra na portaria.)
Afinal o que é isto? Se eu estivesse morto, já o saberiam. Oh! Perdão!

A SECRETÁRIA
Não tem importância. Aproximai-vos.

NADA
Jogaram-me na carreta. Mas eu apenas tinha bebido demais. A questão é suprimir.

A SECRETÁRIA
Suprimir o quê?

NADA
Tudo, minha bela. Quanto mais se suprime, tanto melhor vão as coisas. E se suprimirmos tudo... então será o paraíso. Vejamos os apaixonados! Tenho horror a eles. Quando passam perto de mim, cuspo-lhes em cima. Em suas costas, está claro, porque muitos deles são rancorosos. E as crianças — essa corja imunda! E as flores, com seu ar imbecil, e os rios, incapazes de mudar de idéia! Ah! Suprimamos, suprimamos! É a minha filosofia! Deus nega o mundo e eu nego Deus. Viva o nada — pois é a única coisa que existe.

A SECRETÁRIA
E como suprimir tudo isso?

NADA
Bebendo. Bebendo até a morte. Só assim tudo desaparecerá.

A SECRETÁRIA
Má técnica. A nossa é muito melhor. Como te chamas?

NADA
Nada.

A SECRETÁRIA
Como?

NADA
Nada.

A SECRETÁRIA
Pergunto-te o teu nome.

NADA
É esse o meu nome.

A SECRETÁRIA
É bom que seja assim. Com um nome desses, muito poderemos fazer juntos. Passa para este lado. Serás funcionário de nosso reino.

(Entra o Pescador.)

Senhor Alcaide, dai os necessários esclarecimentos ao nosso amigo Nada. Enquanto isso, vós, guardas, vendereis nossas insígnias. *(Aproxima-se de Diogo.)* Bom dia. Desejais comprar uma insígnia?

DIOGO
Que insígnia?

A SECRETÁRIA
Ora! A insígnia da Peste. *(Pausa.)* Aliás, sois livre para recusar. Não é obrigatório.

DIOGO
Então, recuso.

A SECRETÁRIA
Muito bem. *(Dirige-se a Vitória)* E vós?

VITÓRIA
Não vos conheço.

A SECRETÁRIA
Perfeito. Desejo, simplesmente, advertir-vos de que todos aqueles que se recusarem a usar esta insígnia serão obrigados a usar outra insígnia.

DIOGO
Qual?

A SECRETÁRIA
Bem... A insígnia daqueles que se recusam a usar a insígnia. Assim, podemos reconhecer, à primeira vista, com quem temos problemas.

O PESCADOR
Peço-vos perdão...

A SECRETÁRIA (voltando-se para Diogo e Vitória)
Até breve! *(Ao Pescador)* Que é que há, ainda?

O PESCADOR *(com um furor crescente)*
Venho do primeiro andar e lá me responderam que deveria vir primeiro aqui, para obter o certificado de existência, sem o qual não me darão certificado de saúde.

A SECRETÁRIA
É clássico!

O PESCADOR
Como, clássico?

A SECRETÁRIA
Exatamente. E isso prova que esta cidade começa a ser administrada. Nossa convicção é de que sois culpados. E vós só vos sentireis culpados, quando vos sentirdes fatigados. O processo é cansar — eis tudo. Quando estiverdes arrasados de cansaço, o resto caminhará sozinho.

O PESCADOR
Poderei, pelo menos, ver esses benditos certificados de existência?

A SECRETÁRIA
Em principio, não — uma vez que precisareis, de inicio, de um certificado de saúde, para terdes um certificado de existência. Aparentemente, não há saída.

O PESCADOR
E então?

A SECRETÁRIA
Então, resta-nos o nosso prazer. Mas a curto prazo, como todos os prazeres. Nós vos damos, no entanto, esse certificado, por um favor especial. Simplesmente, só será válido por uma semana. Daqui a uma semana, veremos.

O PESCADOR
Veremos o quê?

A SECRETÁRIA
Veremos se será possível renová-lo.

O PESCADOR
E se não for renovado?

A SECRETÁRIA
Desde que vossa existência não tenha mais uma garantia, naturalmente que se procederá a uma irradiação. Senhor Alcaide, mandai redigir esse certificado, com treze exemplares.

PRIMEIRO ALCAIDE
Treze?

A SECRETÁRIA
Sim. Um para o interessado e doze para um bom funcionamento.

(Luz ao centro.)

A PESTE
Ordenai que se iniciem os grandes trabalhos inúteis. Vós, cara amiga, preparai o balanço das deportações e das concentrações. Ativai a transformação dos inocentes em culpados, para que a mão-de-obra seja satisfatória. Deportai o que for importante. É verdade que vamos ter falta de homens. Onde está o Censo da cidade?

A SECRETÁRIA
Está sendo feito. Tudo vai bem e parece-me que essa boa gente já me compreendeu.

A PESTE
Tendes uma ternura à flor da pele, cara amiga. Sentis necessidade de

compreensão. É um defeito, em nossa profissão. Essa boa gente, como dizeis, nada compreendeu, naturalmente. Mas isso não tem importância o essencial não é que compreendam, o essencial é que se executem. Reparai! É uma expressão que tem seu sentido, não achais?

A SECRETÁRIA
Que expressão?

A PESTE
Executar-se. Vamos, vós aí, executai-vos, executai-vos. Hein? Que bela fórmula!

A SECRETÁRIA
Magnífica!

A PESTE
Magnífica! Nela encontramos tudo. De início, a imagem da execução, que é uma imagem enternecedora; depois, a idéia de que o que se executa colabora na sua própria execução — o que é o objetivo e a consolidação de todo bom governo. *(Ruído, ao fundo.)* Que é?

(O coro de mulheres agita-se.)

A SECRETÁRIA
São as mulheres que se movimentam.

O CORO
Esta aqui tem qualquer coisa para dizer.

A PESTE
Aproxima-te.

UMA MULHER (aproximando-se)
Onde está meu marido?

A PESTE
Vamos, vamos... Eis o coração humano — como costumam dizer. Que aconteceu a esse marido?

A MULHER
Não voltou para casa.

A PESTE
É banal. Não te preocupes: ele já deverá ter encontrado uma cama.

A MULHER
Meu marido é um homem que se respeita.

A PESTE
Uma fênix, naturalmente! Tratai já disso, cara amiga.

A SECRETÁRIA
Nome e sobrenome.

A MULHER
Galvez, Antônio.

(A Secretária olha o caderno e fala ao ouvido da Peste.)

A SECRETÁRIA
Muito bem. Considera-te feliz: ele está com a vida salva.

A MULHER
Que vida?

A SECRETÁRIA
A vida de castelo.

A PESTE
Eu o deportei, com alguns outros, que faziam muito barulho e que desejei poupar.

A MULHER (recuando)
Que fizestes deles?

A PESTE *(com raiva histérica)*
Concentrei-os. Até agora, viviam na dispersão e na frivolidade — um pouco diluídos, por assim dizer. Concentrados, tornam-se mais firmes.

A MULHER (fugindo em direção ao Coro, que se abre para acolhê-la)
Ah! Miséria! A Miséria caiu sobre nós!

O CORO
Miséria! Miséria sobre nós!

A PESTE

Silêncio! Não fiqueis paradas. Fazei qualquer coisa! Ocupai-vos! *(Sonhador)* Executam-se, ocupam-se, concentram-se. A gramática é uma boa coisa, que pode servir para tudo!

(Luz rápida, sobre a portaria, onde Nada está sentado, com o Alcaide. Diante dele, filas de administrados.)

UM HOMEM

A vida aumentou e os salários tornaram-se insuficientes.

NADA

Nós o sabíamos e eis uma nova tabela. Acaba de ser fixada.

O HOMEM

Qual será a percentagem do aumento?

NADA *(lendo)*

Muito simples. Tabela número 108. "A portaria da revalorização dos salários interprofissionais e subseqüentes traz a supressão do salário de base e a liberação incondicional dos escalões móveis, que recebem, assim, licença de reunir um salário máximo, que resta prever. Os escalões, subtração feita das majorações consentidas, ficticiamente, pela tabela número 107, continuarão, entretanto, a ser calculados, fora das modalidades propriamente ditas de reclassificação, sobre o salário de base precedentemente suprimido."

O HOMEM

Mas que espécie de aumento é este?

NADA

O aumento fica para mais tarde; a tabela é para hoje. Nós os aumentamos na tabela, eis tudo.

O HOMEM

Mas que quereis que façam desta tabela?

NADA *(berrando)*

Quero que a engulam! O seguinte.

(Um outro homem se apresenta)

Queres abrir um estabelecimento comercial. Rica idéia. Pois bem. Mas começa por encher este formulário. Põe teus dedos sobre esta tinta. Agora, aperta-os aqui. Perfeito.

O HOMEM
Onde posso me enxugar?

NADA
Onde posso enxugar-me... *(Folheia um dossiê.)* Em lugar algum. Não está previsto no regulamento.

O HOMEM
Mas não posso ficar assim...

NADA
Por que não? Aliás, que é que isso te interessa, se não tens mais o direito de tocar em tua mulher? E, depois, é bom para o teu caso.

O HOMEM
Como, bom?

NADA
Bom, sim. Humilha-te. Logo, é bom. Mas voltemos a teu comércio. Preferes os benefícios do artigo 208, do capítulo 62, da 16.ª circular, constante do 5.º regulamento geral, ou a alínea 27, do artigo 207 da circular 15, constando para o regulamento particular?

UM HOMEM
Mas se não conhecemos nem um nem outro desses textos! ...

NADA
Claro, homem. Não os conheces, mesmo. Eu também não. Mas, como é preciso que te decidas, vamos beneficiar-te, ao mesmo tempo, com os dois.

UM HOMEM
É muito, Nada. Agradeço-te.

NADA
Não me agradeças. Porque me parece que um desses artigos te dá o direito de ter tua loja, enquanto o outro tira-te o direito de ali venderes qualquer coisa.

O HOMEM
Mas então o que é isso?

NADA
A ordem.

(Chega uma mulher, desvairada)

Que aconteceu, mulher?

A MULHER
Requisitaram minha casa.

NADA
Muito bem.

A MULHER
Instalaram, nela, serviços administrativos.

NADA
Naturalmente.

A MULHER
Mas eu fiquei na rua e haviam prometido realojar-me.

NADA
Como vês, pensou-se em tudo.

A MULHER
Sim, mas sou obrigada a fazer uma petição, que seguirá seu curso. Enquanto espero, meus filhos ficarão na rua.

NADA
Mais uma razão para fazeres tua petição. Preenche este formulário.

A MULHER (apanhando o formulário)
Com isso andará depressa?

NADA
Pode ir depressa, com a condição de que forneças uma justificativa de urgência.

A MULHER
Que é isso?

NADA
Um documento que atesta que é urgente não permaneceres na rua.

A MULHER
Meus filhos não têm teto. Haverá coisa mais urgente, para que lhes dêem um?

NADA

Não te darão um alojamento porque teus filhos estejam na rua. Dar-te-ão um alojamento se apresentares um atestado. Não é a mesma coisa.

A MULHER

Nunca pude compreender esse tipo de linguagem. O diabo também fala assim e ninguém o compreende.

NADA

Não é um acaso, mulher. Trata-se, aqui, de fazer com que ninguém se compreenda, mesmo falando a mesma língua. E posso afirmar-te que já estamos próximos do instante perfeito em que todos falarão, sem jamais encontrar eco e onde as duas linguagens que se defrontam, nesta cidade, se destruirão reciprocamente com tal obstinação que será necessário tudo se encaminhe para a realização última, que é o silêncio da morte.

A MULHER (ao mesmo tempo que Nada)

A justiça está em que meus filhos não tenham fome e não sintam frio. A justiça está em que meus filhos vivam. Eu os pus no mundo, numa terra de alegria. O mar forneceu a água de seu batismo. Eles não têm necessidade de outras riquezas. Nada mais peço, para eles, do que o pão de cada dia e o sono dos pobres. Não é nada e, no entanto, é exatamente o que recusais. E, se recusais aos desgraçados o pão de que precisam, não será com luxo, com belas palavras, nem com promessas misteriosas que vos fareis jamais perdoar.

NADA *(ao mesmo tempo que a Mulher)*

Escolhei viver de joelhos, de preferência a morrer de pé, para que o Universo encontre sua ordem medida pelo esquadro das potências, repartido entre os mortos tranqüilos e as formigas, de agora em diante, bem educadas —paraíso puritano, privado de prados e de pão, onde circulem anjos policiais, de asas maiúsculas, entre os bem-aventurados, saciados de papel e de nutritivas fórmulas, prosternados diante do Deus condecorado, destruidor de todas as coisas e decididamente devotado a dissipar os antigos delírios de um mundo delicioso demais.

NADA

Viva o nada! Ninguém se compreende mais: atingimos o instante perfeito.

(Luz, no centro. Percebem -se, em recortes, cabanas e arames farpados, mirantes e alguns outros monumentos hostis. Entra Diogo, com máscara, em passos de quem está acossado. Vê os monumentos, o povo e a Peste.)

DIOGO *(dirigindo-se ao Coro)*

Onde está a Espanha? Onde está Cádiz? Este cenário não é de nenhum outro país! Estamos em outro mundo, onde o homem não pode viver. Por que estais mudos?

O CORO

Temos medo. Ah! Se o vento chegasse...

DIOGO

Tenho medo, também. E faz bem gritarmos nosso medo. Gritai — e o vento responderá.

O CORO

Éramos um povo e, agora, apenas massa! Convidavam-nos e, hoje, nos convocam. Permutávamos o pão e o leite e, agora, somos abastecidos! Pisamos. *(Pisam.)* Pisamos e dizemos que ninguém pode nada por ninguém e que **é** preciso esperar, em nosso lugar, na fila que nos foi designada. De que serve gritar? Nossas mulheres não têm mais o rosto de flor que nos fazia sofrer de desejo. A Espanha desapareceu! Pisemos! Pisemos! Ah! Que dor! É a nós mesmos que estamos pisando! Sufocamos, nesta cidade fechada! Ah! Se o vento viesse...

A PESTE

Isso é a sabedoria. Aproxima-te, Diogo. agora que compreendeste.

(No espaço, ruído de irradiações.)

DIOGO

Somos inocentes! *(A Peste gargalha.)* Inocência, carrasco! Compreendes o que quer isto dizer: inocência?

A PESTE

A inocência? Não a conheço!

DIOGO

Então, aproxima-te. O mais forte matará o mais fraco.

A PESTE

O mais forte sou eu, inocente. Olha. *(Faz um sinal aos guardas, que avançam para Diogo. Este foge.)* Correi atrás dele. Não o deixeis escapar! Os que fogem nos pertencem! Marcai-o.

(Os guardas correm atrás de Diogo. Perseguição, em mímica, sobre os praticáveis. Apitos. Sirenes de alarme.)

O CORO

Está correndo! Tem medo e o diz. Perdeu o próprio domínio, enlouqueceu. Nós, nós nos tomamos prudentes. Estamos administrados. Mas, no silêncio dos escritórios, escutamos um longo grito contido, que é o grito dos corações separados — grito que nos fala do mar sob o sol do meio-dia, do perfume da cana-brava, à tarde; dos braços frescos de nossas mulheres. Nossas faces estão seladas, nossos passos contados, nossas horas regulamentadas, mas nossos corações recusam o silêncio. Recusam as listas e as matrículas, os muros intermináveis, as grades nas janelas, as madrugadas eriçadas de fuzis. Recusam — da mesma maneira que aquele que corre, para atingir uma casa, fugindo deste cenário de sombras e de algarismos, para reencontrar, enfim, um refúgio. O único refúgio, porém, é o mar — do qual estes muros nos separam. Que o vento venha e, então, poderemos, enfim, respirar...

(Diogo, com efeito, precipitou-se para uma casa. Os guardas se detém, diante da porta, e, ali, postam sentinelas.)

A PESTE *(urrando)*

Marcai-o! Marcai-os, a todos! Mesmo o que eles não dizem pode ser ouvido! Não podem protestar, mas seu silêncio range! Esmagai suas bocas! Amordaçai-os e ensinai-lhes a dizer as palavras permitidas, até que também eles repitam, sempre, a mesma coisa, até que se tornem os bons cidadãos de que necessitamos.

(Arcos caem, então, vibrantes, como se passassem por alto-falantes; nuvens de slogans que se amplificam, à medida que são repetidas e que cobrem o Coro, de boca fechada, até que reine um silêncio total.)

Uma só Peste, um só povo!
Concentrai-vos, executai-vos, ocupai-vos!
Uma boa Peste vale mais do que dois libertados!
Deportai, torturai — e disso restará sempre alguma coisa!

(Luz na casa do Juiz.)

VITÓRIA

Não, pai. Não entregareis nossa velha criada, sob pretexto de que está contaminada. Tereis esquecido de que ela me criou e vos serviu, sem jamais

queixar-se?

O JUIZ
Quem ousará contestar o que eu tenha decidido?

VITÓRIA
Não podeis decidir tudo. A dor tem, também, os seus direitos.

O JUIZ
Meu papel é de preservar esta casa e impedir que o mal penetre nela. Eu...
(Entra, subitamente, Diogo.)
Quem te permitiu entrar aqui?

DIOGO
Foi o medo que me empurrou para tua casa. Estou fugindo da Peste.

O JUIZ
Não estás fugindo dela: tu a trazes contigo.
(Aponta a Diogo a marca que este traz na axila. Silêncio. Dois ou três apitos, ao longe.)
Deixa esta casa.

DIOGO
Deixa-me ficar! Se me expulsares, eles me misturarão com todos os outros e, então, será o amontoamento da morte.

O JUIZ
Sou um servidor da Lei: não posso acolher-te aqui.

DIOGO
Servias à antiga Lei. Nada tens a ver com a nova.

O JUIZ
Não sirvo à Lei pelo que ela diz, mas sim porque ela é a Lei.

DIOGO
Mas, se a lei for o crime?

O JUIZ
Se o crime torna-se lei, ele deixa de ser crime.

DIOGO
E será, então, a virtude que se deve punir?

O JUIZ
É preciso puni-la, com efeito, se tiver a arrogância de discutir a lei.

VITÓRIA
Casado, não é a lei que te faz agir assim: é o medo.

O JUIZ
Este aqui também tem medo.

VITÓRIA
Mas ainda não traiu.

O JUIZ
Trairá. Todo mundo trai, porque todo mundo tem medo. E todo mundo tem medo porque ninguém é puro.

VITÓRIA
Pai, pertenço a este homem. Com o vosso consentimento. E não podeis tirá-lo de mim hoje, depois de mo haveres dado ontem.

O JUIZ
Eu não disse sim a teu casamento. Disse sim à tua partida.

VITÓRIA
Eu sabia que não me amáveis.

O JUIZ *(fitando-a)*
Toda mulher me causa horror.
(Batem brutalmente à porta.)
Quem será?

UM GUARDA *(de fora)*
A casa está condenada, por haver abrigado um suspeito. Todos os seus habitantes estão em observação.

DIOGO *(numa gargalhada)*
A lei é boa, tu bem o sabes. Mas é um pouco nova e não a conhecias completamente. Juiz, acusados e testemunhas, eis-nos todos irmãos!

(Entram a Mulher do Juiz, o Filho e a Filha.)

A MULHER
Interditaram a porta.

VITÓRIA
A casa está condenada.

O JUIZ
Por culpa deste. Vou denunciá-lo. E eles liberarão a casa.

VITÓRIA
Pai, a honra vos proíbe...

O JUIZ
A honra é um assunto de homens — e não há mais homens nesta cidade.

(Ouvem-se apitos e o ruído de uma corrida que se aproxima. Diogo escuta, olha para todos os lados, assustado e, de repente, segura o menino.)

DIOGO
Atenção, homem da lei! Se fizeres um sé gesto, esmagarei a boca de teu filho sob a marca da Peste.

VITÓRIA
Diogo, isso é uma covardia.

DIOGO
Nada é covardia na cidade dos covardes.

A MULHER (correndo para o Juiz)
Promete, Casado, promete a este louco o que ele quiser!

A FILHA DO JUIZ
Não, pai, não prometas nada. Isso não nos diz respeito.

A MULHER
Não a escutes. Bem sabes que ela odeia o irmão.

O JUIZ
Ela tem razão. Isso não nos diz respeito.

A MULHER
E tu, também, tu odeias meu filho.

O JUIZ
Exatamente isto: teu filho.

A MULHER

Oh! Não! Não és homem para lembrar o que já estava perdoado.

O JUIZ

Não perdoei. Apenas obedeci à lei que, aos olhos de todos, me tornava pai deste menino.

VITÓRIA

É verdade, mãe?

A MULHER

Tu também me desprezas.

VITÓRIA

Não. Mas tudo desaba ao mesmo tempo. A alma vacila.

(O Juiz dá um passo em direção à porta.)

DIOGO

A alma vacila, mas a lei nos sustenta, não é verdade, Juiz? Todos irmãos! *(Ergue a criança, diante dele.)* E tu, também, a quem vou dar o beijo dos irmãos.

A MULHER

Espera, Diogo, suplico-te! Não sejas como este que endureceu até o coração. Mas ele vai ceder. *(Corre para a porta e barra a saída do Juiz.)* Vais ceder, não é verdade?

A FILHA D0 JUIZ

Por que há de ele ceder, e que lhe importa este bastardo, que ocupa, aqui, o melhor lugar?

A MULHER

Cala-te. A inveja rói-te, e tua alma está toda negra. *(Ao Juiz)* Mas tu, tu que estás próximo da morte, tu sabes bem que nada há a desejar, sobre a terra, além do sono e da paz. Sabes bem que dormirás mal, em teu leito solitário, se deixares que isto aconteça.

O JUIZ

Tenho a lei a meu lado. É dela que tirarei meu repouso.

A MULHER

Pois eu cuspo sobre tua lei. Tenho, a meu favor, o direito - o direito dos que

amam a ponto de não se poderem separar; o direito dos culpados, a serem perdoados e dos arrependidos, a serem honrados! Sim, cuspo sobre tua lei. Terias, por acaso, a lei de teu lado, quando apresentaste covardes desculpas àquele capitão que te desafiava a um duelo, ou quando trapaceaste, para escapar ao serviço militar? Tinhas a lei contigo, quando ofereceste teu leito àquela jovem que litigiava contra um patrão injusto?

O JUIZ
Cala-te, mulher.

VITÓRIA
Mãe!

A MULHER
Não, Vitória, não me calarei. Calei-me durante esses anos todos. E o fiz por minha honra e pelo amor de Deus. Mas a honra não existe mais. E um só fio de cabelo desta criança me é mais precioso do que o próprio céu. Não me calarei. E direi, pelo menos, a este aqui, que jamais teve o direito de seu lado, porque o direito, ouves bem, Casado, está do lado dos que sofrem, dos que gemem, dos que esperam. Ele não está, não, ele não pode estar com aqueles que calculam e acumulam.

(Diogo solta a criança.)

A FILHA DO JUIZ
São os direitos do adultério.

A MULHER (gritando)
Não nego minha falta e a gritarei ao mundo inteiro. Mas sei, em minha miséria, que a carne tem seus pecados, assim como o coração tem seus crimes. O que se faz no calor do amor deve merecer piedade.

A FILHA
Piedade para as cadelas!

A MULHER
Sim! Pois elas têm um ventre para gozar e para conceber!

O JUIZ
Mulher! Tua defesa não está boa! Denunciarei este homem, que provocou esta perturbação. E o farei com duplo contentamento, porque o farei em nome da lei e do ódio.

VITÓRIA

Desgraça sobre ti, que acabas de dizer a verdade. Nunca julgaste senão em nome do ódio, que enfeitavas com o nome de lei. E mesmo as melhores leis tiveram gosto amargo em tua boca — a boca acre dos que nunca souberam amar. Ah! O nojo me sufoca! Vamos, Diogo, toma a todos nós em teus braços e apodreçamos juntos. Mas deixa viver aquele para quem a vida é uma punição.

DIOGO

Deixa-me. Envergonho-me em ver o que nos tornamos, todos.

VITÓRIA

Eu também tenho vergonha. Morro de vergonha.

(Diogo lança-se, bruscamente, pela janela. O Juiz corre também. Vitória escapa por uma porta.)

A MULHER

Chegou o tempo dos tumores arrebentarem. Não somos os únicos. Toda a cidade arde com a mesma febre.

O JUIZ

Cadela!

A MULHER

Juiz!

(Escuridão. Luz sobre a portaria. Nada e o Alcaide preparam-se para partir.)

NADA

Já foi ordenado a todos os comandantes de distrito fazer com que seus administrados votem em favor do novo governo.

PRIMEIRO ALCAIDE

Não é fácil. Há o risco de alguns votarem contra.

NADA

Não votarão, se souberdes aplicar os bons princípios.

PRIMEIRO ALCAIDE

Que bons princípios?

NADA

Os bons princípios dizem que o voto é livre. Quer dizer: os votos favoráveis ao governo serão considerados como tendo sido livremente expressos. Quanto aos outros, e para que sejam eliminados os entraves secretos que poderiam ter sido levados à liberdade de escolha, serão descontados de acordo com o método preferencial, equiparando a mistura divisionária ao quociente dos sufrágios não expressos, em relação ao terço dos votos eliminados. Está bem claro?

PRIMEIRO ALCAIDE

Muito claro, senhor... Enfim, acho que compreendi.

NADA

Admiro-vos, Alcaide. Mas, compreendido, ou não, não vos esqueçais de que o resultado infalível desse método deverá ser sempre o de contar por nulos os votos hostis ao governo.

PRIMEIRO ALCAIDE

Mas não dissestes que o voto é livre?

NADA

E é livre. Apenas, partimos do princípio de que um voto negativo não é um voto livre. É um voto sentimental que, conseqüentemente, está dominado pelas paixões.

PRIMEIRO ALCAIDE

Eu não tinha pensado nisso!

NADA

É porque não tendes uma idéia exata do que é a liberdade.

(Luz ao centro. Diogo e Vitória chegam, correndo, ao primeiro plano da cena.)

DIOGO

Quero fugir, Vitória. Não sei mais onde está o dever. Não compreendo mais nada.

VITÓRIA

Não me deixes. O nosso dever é para com aqueles que amamos. Tem coragem.

DIOGO

Sou altivo demais, para te amar sem me estimar.

VITÓRIA

Quem te impede que te estimes?

DIOGO

Tu — que vejo sem desfalecimento.

VITÓRIA

Não! Por amor de nós, não fales assim. Se continuas, vou cair diante de ti e revelar-te toda a minha covardia. O que pensas não é verdade. Não sou tão forte assim. Desfaleço, sim, desfaleço sempre que penso no tempo em que podia abandonar-me a ti. Onde o tempo em que a água subia em meu coração, mal pronunciavam teu nome? Onde o tempo em que eu ouvia uma voz gritar "Terra", dentro de mim, sempre que aparecias? Desfaleço, sim, e sinto-me morrer de um covarde arrependimento. E se ainda me mantenho de pé é porque o ímpeto do amor me atira para frente. Mas se desapareceres, minha corrida parará e eu me deixarei vencer.

DIOGO

Ah**!** Se, pelo menos, eu me pudesse ligar a ti e, com meus membros ligados aos teus, mergulhar a fundo num sono sem fim!...

VITÓRIA

Espero-te.

(Ele avança lentamente para ela, que também avança para ele. Não se deixam de olhar e vão encontrar-se, quando surge entre eles a Secretária.)

A SECRETÁRIA

Que fazeis?

VITÓRIA (gritando)

Amor — naturalmente.

(Ruído terrível no céu.)

A SECRETÁRIA

Silêncio! Há palavras que não devem ser pronunciadas. Deveis saber que são proibidas. Olhai. *(Fere Diogo na axila e o marca pela segunda vez.)* Éreis apenas suspeito. Agora estais contaminado. *(Fixa Diogo)* Que pena! Um rapaz tão bonito... *(A Vitória)* Peço-vos desculpa. Mas a verdade é que prefiro os homens às mulheres: tenho afinidades com eles. Boa noite.

DIOGO *(olha, com horror, a nova marca em sua axila; lança olhares de louco, em torno; depois atira-se em direção a Vitória e a abraça totalmente)*

Ah! Odeio tua beleza que vai sobreviver a mim! Maldita, que serás de outros! *(Esmaga-a contra si.)* Assim! Não estarei sozinho! Que me importa teu amor, se não apodrecer comigo?

VITÓRIA (debatendo-se)

Estás me machucando! Deixa-me!

DIOGO

Ah! Estás com medo! *(Ri como um louco.)* Onde estão os cavalos negros do amor? Amorosa, nas belas horas, mas quando a desgraça chega, os cavalos fogem! Pelo menos, morre comigo!

VITÓRIA

Contigo, sim, mas nunca contra ti! Detesto este rosto de medo e de ódio, que é o teu, agora. Deixa-me! Deixa-me livre para procurar, em ti, a antiga ternura. E, então, meu coração falará de novo.

DIOGO *(libertando-a, um pouco)*

Não quero morrer sozinho! E o que tenho de mais querido, no mundo, afasta-se de mim e recusa-se a seguir-me!

VITÓRIA (atirando-se para ele)

Ah! Diogo! Até o inferno, se for preciso! Encontro-te, de novo... Minhas pernas tremem contra as tuas... Beija-me, para sufocar este grito que sobe do mais profundo de meu corpo, que vai sair, que sai... Ah!

(Diogo beija-a, com arrebatamento. Depois, arranca-se dela e deixa-a, trêmula, no meio da cena.)

DIOGO

Olha-me! Não, não! Não tens nada. Nenhuma marca! Esta loucura não continuará!

VITÓRIA

Vem. É de frio que estou tremendo, agora! Há pouco, teu peito queimava minhas mãos, meu sangue corria, em mim, como uma chama! Agora...

DIOGO

Não! Deixa-me só. Não posso esquecer-me desta dor.

VITÓRIA

Vem! Nada mais peço além de me consumir na mesma febre, sofrer a mesma chaga, num só grito!

DIOGO

Não! De agora em diante, estarei com os outros, com aqueles que estão marcados! Seu sofrimento me faz horror, enche-me de um nojo que, até hoje, me protegia de tudo. Mas, finalmente, caí na mesma desgraça — e eles têm necessidade de mim.

VITÓRIA

Se tivesses de morrer, eu invejaria até a terra que esposaria teu corpo!

DIOGO

Pertences ao outro lado e àqueles que vivem!

VITÓRIA

Se, pelo menos, me beijasses longamente, poderia ficar contigo!

DIOGO

Eles proibiram o amor! Ah! Como lamento perder-te! Com todas as minhas forças!

VITÓRIA

Não! Não! Suplico-te! Já compreendi o que eles querem. Fazem todos os arranjos para que o amor seja impossível. Mas eu serei a mais forte.

DIOGO

Eu não sou o mais forte. E não é uma derrota o que desejo partilhar contigo!

VITÓRIA

Estou intata! Não reconheço outra força senão a do meu amor! Nada mais me faz medo e, mesmo que o céu desabasse, eu morreria gritando minha felicidade, se segurasses minha mão.

(Ouvem-se gritos)

DIOGO

Os outros gritam, também!

VITÓRIA

Ficarei surda até a morte!

DIOGO
Olha!

(A carreta passa)

VITÓRIA
Meus olhos não vêem mais nada! O amor os ofusca.

DIOGO
Mas a dor está no céu que pesa sobre nós!

VITÓRIA
Precisarei de muita força, para carregar meu amor! Não vou sobrecarregar-me com a dor do mundo! É uma tarefa para homem. Uma dessas tarefas vãs, estéreis, obstinadas, que os homens assumem para se desviarem do único combate verdadeiramente difícil, da única vitória da qual poderiam orgulhar-se.

DIOGO
Só tenho uma coisa a vencer neste mundo: a injustiça que nos é feita.

VITÓRIA
A desgraça que está em ti. O resto virá em seguida.

DIOGO
Sinto-me sozinho. A desgraça é grande demais para mim.

VITÓRIA
Estou perto de ti, com as armas na mão.

DIOGO
Como és bela e quanto eu te amaria se, pelo menos, não tivesse medo!

VITÓRIA
Sentirias menos medo, se quisesses me amar!

DIOGO
Eu te amo. Mas não sei quem está com a razão.

VITÓRIA
Está com a razão aquele que não tem medo. E meu coração não é tímido. Ele queima numa só chama, clara e alta, como esses fogos com os quais nossos montanheses se saúdam. E ele te busca! Olha: é a festa de São João!

DIOGO

Ao lado dos cemitérios!

VITÓRIA

Cemitérios, ou prados, que importa isso a meu amor? Ele, pelo menos, não prejudica a ninguém e é generoso! Tua loucura, teu devotamento estéril... a quem são úteis? Não a mim, não a mim, sobretudo — a mim que apunhalas a cada palavra!

DIOGO

Não chores, selvagem! Ó desespero! Por que veio esse mal? Eu teria bebido estas lágrimas e, com a boca queimada de seu amargor, teria posto sobre teu rosto tantos beijos quanto uma oliveira tem folhas!

VITÓRIA

Ah! Encontro-te, de novo! É a nossa linguagem, que havias perdido! *(Estende as mãos.)* Deixa-me reconhecer-te.

(Diogo recua, mostrando suas marcas. Ela aproxima a mão — hesitante.)

DIOGO

Tu, também. Tu também tens medo...

(Ela coloca a mão sobre as marcas. Ele recua, transtornado. Ela estende os braços.)

VITÓRIA

Vem, depressa! Não receies mais nada!

(Mas os gemidos e as imprecações redobram. Ele olha para todos os lados, como um desvairado, e foge.)

Ah! Solidão!

CORO DE MULHERES

Somos guardiãs! Esta história nos ultrapassa e esperamos que acabe. Guardaremos nosso segredo até o inverno, até a hora das liberdades, quando os gritos dos homens se calarem e eles voltarem para nós, a reclamar aquilo que não podem dispensar: a recordação dos mares livres, o céu deserto do estio, o perfume eterno do amor. Eis-nos aqui, a espera, como folhas mortas, nos temporais de setembro. Elas voam, um instante, e, depois, o peso da água que transportam as atira no chão. Nós, também, estamos agora no chão. Curvando o dorso; esperando que se cansem os gritos de todos os combates, escutamos, bem

dentro de nós, gemer, docemente, a lenta ressaca dos mares felizes. Quando as amendoeiras sem folhas se cobrirem das flores da geada, então nós nos reergueremos um pouco, sensíveis ao primeiro vento de esperança, logo fortalecidas por essa segunda primavera. E aqueles que amamos caminharão em nossa direção e, à medida que avancem, seremos como pesadas embarcações que o fluxo da maré levanta, pouco a pouco, cobertas de sal e de água, ricas de perfumes, até que flutuem, enfim, sobre o mar espesso. Ah! Que venha o vento, que venha o vento...

(Escuridão. Luz no cais. Diogo entra e chama alguém que vê, muito ao longe, na direção do mar. Ao fundo, o coro dos homens.)

DIOGO
Olá! Olá!

UMA VOZ
Olá! Olá!

(Um barqueiro aparece; apenas sua cabeça ultrapassa o cais.)

DIOGO
Que estás fazendo?

O BARQUEIRO
Estou reabastecendo.

DIOGO
A cidade?

O BARQUEIRO
Não. A cidade é reabastecida, em princípio, pela administração. Com cartões, naturalmente. Eu reabasteço de pão e de leite. Há, ao largo, navios ancorados e algumas famílias estão lá refugiadas, para escaparem à infecção. Trago suas cartas e levo-lhes provisões.

DIOGO
Mas está proibido.

O BARQUEIRO
Está proibido pela administração. Mas eu não sei ler e estava no mar, quando os

pregoeiros anunciaram a nova lei.

DIOGO
Leva-me.

O BARQUEIRO
Para onde?

DIOGO
Para o mar. Para os barcos.

O BARQUEIRO
Mas está proibido.

DIOGO
Não leste nem ouviste a lei.

O BARQUEIRO
A proibição é para as pessoas do barco. Não estais garantido.

DIOGO
Como, garantido?

O BARQUEIRO
Afinal, poderíeis levar-lhes...

DIOGO
Levar quê?

O BARQUEIRO
Silêncio. *(Olha em torno de si.)* Os germes. Poderíeis contagiá-los.

DIOGO
Pagarei o que quiserdes.

O BARQUEIRO
Não insistais. Tenho o caráter fraco.

DIOGO
Todo o dinheiro que for preciso.

O BARQUEIRO
Assumis a responsabilidade diante de vossa consciência?

DIOGO
Claro

O BARQUEIRO
Então, embarcai. O mar é belo.

(Diogo vai saltar. Mas a Secretária aparece atrás dele.)

A SECRETÁRIA
Não! Não embarcareis.

DIOGO
Como?

A SECRETÁRIA
Não está previsto. Além disso, eu vos conheço: sei que não desertareis.

DIOGO
Nada me impedirá de partir.

A SECRETÁRIA
Basta que eu o queira. E eu o quero, porque temos contas a ajustar. Sabeis bem quem sou eu.

(Recua um pouco, como para atraí-lo. Ele a segue.)

DIOGO
Morrer não é nada. Mas morrer desmoralizado...

A SECRETÁRIA
Compreendo. Como vedes, sou uma simples executante. Mas deram-me direitos sobre vós. Direito de veto — se preferis. *(Folheia o caderno.)*

DIOGO
Os homens de meu sangue só pertencem à terra!

A SECRETÁRIA
É o que eu estava querendo dizer. Vós me pertenceis, de uma certa maneira! Apenas de uma certa maneira. Talvez não daquela que eu preferiria... quando vos olho. *(Simples)* Agradais-me muito, sabeis. Mas cumpro ordens. *(Brinca com o seu caderninho.)*

DIOGO
Prefiro vosso ódio a vossos sorrisos. Desprezo-vos.

A SECRETÁRIA
Como quiserdes. Aliás, não é muito regulamentar esta conversa que estou me permitindo. A fadiga me torna sentimental. Apesar de toda essa contabilidade, nas noites como esta, eu me deixo arrastar. *(Continua brincando com o caderno. Diogo tenta arrebatá-lo)* Não, não insistais, meu querido. Aliás, que poderia interessar-vos? E um simples caderno, isso deve vos bastar... um classificador, meio agenda, meio fichário. Com as efemérides. *(Ri)* É o meu *pense-bête!*

(Estende, a Diogo, a mão, como para uma carícia. Diogo precipita-separa o Barqueiro.)

DIOGO
Ah! Foi-se!

A SECRETÁRIA
Realmente! Mais um que se acredita livre e que, no entanto, está inscrito, como todo mundo.

DIOGO
Tendes uma linguagem dúbia. E bem sabeis que é uma das coisas que um homem não pode suportar. Acabemos com isso.

A SECRETÁRIA
Mas tudo isso é tão simples... E eu apenas digo a verdade. Cada cidade tem o seu classificador. Este aqui é o de Cádiz. Posso assegurar-vos que a organização é muito boa e que ninguém foi esquecido.

DIOGO
Ninguém foi esquecido — mas todos vos escapam.

A SECRETÁRIA (indignada)
Não é fato! *(Reflete)* Há exceções, no entanto. De quando em quando, alguém é esquecido. Mas os esquecidos acabam sempre por se trair. Uma vez que ultrapassem os cem anos de idade, vangloriam-se por isso, os imbecis. E os jornais o divulgam. Basta esperar. Pela manhã, quando folheio os jornais, anoto seus nomes, coleciono-os, como costumamos dizer. E, está claro, não lhes falhamos.

DIOGO
Mas durante cem anos eles vos terão negado, como esta cidade inteira vos nega!

A SECRETÁRIA

Cem anos nada representam. Isso vos impressiona, porque vedes as coisas de perto demais. Quanto a mim, vejo os conjuntos, compreendeis? Em um fichário de trezentos e setenta e dois mil nomes, que significa um homem, mesmo que seja centenário? Além disso, nós agimos, principalmente sobre os que ainda não passaram dos vinte anos. Isso constitui uma boa média. Risca-se um pouco mais depressa, é verdade. Assim...

(Risca em seu caderno. Um grito vindo do mar e o ruído de uma queda na água.)

A SECRETÁRIA

Ora! Agi sem pensar. Pronto: é o Barqueiro! Puro acaso!

(Diogo ergue-se e fixa-a, com nojo e terror.)

DIOGO

Meu estômago se revolve, de tal maneira me repugnais!

A SECRETÁRIA

Executo uma tarefa ingrata, bem sei. Cansa-nos e, depois, é preciso que nos apliquemos nela. De início, eu tateava um pouco. Agora, tenho a mão firme. *(Aproxima-se de Diogo.)*

DIOGO

Não vos aproximeis.

A SECRETÁRIA

Breve, não cometerei mais erros. É um segredo. Uma máquina aperfeiçoada. Vereis. *(Vai aproximando-se dele, palavra após palavra, até tocá-lo. Ele, subitamente. a segura pela gola, trêmulo de furor.)*

DIOGO

Basta! Terminai com esta suja comédia! Que estais esperando? Cumpri vossa tarefa e não vos divirtais comigo, que sou maior do que vós. Matai-me, de uma vez. Juro-vos que é a única maneira de salvar esse belo sistema, que nada deixa ao acaso. Ah! Só os conjuntos, hein? Cem mil homens — eis o que se torna interessante. É uma estatística e as estatísticas são mudas! Curvas e gráficos, hein? Trabalhar sobre as gerações é muito mais fácil! E o trabalho pode ser feito no silêncio e no odor tranqüilo da tinta. Mas eu vos previno: um homem só é mais incômodo — porque grita sua alegria e sua agonia. E, enquanto viver, continuarei a desarrumar vossa bela ordem, pelo acaso dos gritos. Recuso-vos! Recuso-vos de todo o meu coração!

A SECRETÁRIA
Meu querido!

DIOGO
Calai-vos. Pertenço a uma raça que honrava igualmente a morte e a vida. Mas vossos senhores surgiram: viver e morrer tornaram-se duas desonras...

A SECRETÁRIA
É verdade...

DIOGO *(sacudindo-a)*
É verdade que mentis e que mentireis de agora em diante, até o fim dos tempos! Sim. Já compreendi bem vosso sistema. Destes-lhes a dor da fome e das separações, para distraí-los de sua revolta. Vós os esgotais e devorais seu tempo e suas forças, para que eles não tenham nem o ócio, nem o ímpeto do furor! Estão sozinhos, apesar de constituírem massa, como também eu estou sozinho. Cada um de nós está sozinho graças à covardia dos outros. Mas eu que estou servilizado, como eles, humilhado, com eles, eu vos declaro que nada sois e que esse poder desfraldado, a perder de vista, a ponto de escurecer o céu, é apenas uma sombra atirada sobre a terra, que em um segundo um vento furioso vai dissipar. Acreditastes que tudo poderia ser reduzido a algarismos e a fórmulas! Em vossa bela nomenclatura, porém, esquecestes a rosa selvagem, os signos no céu, os rostos de verão, a grande voz do mar, os instantes do dilaceramento e a cólera dos homens. *(Ela ri.)* Não deveis rir. Não deveis rir, imbecil. Estais perdidos, digo-vos eu. No seio de vossas mais aparentes vitórias, eis-vos já vencidos, porque existe no homem — olhai-me! — uma força que jamais destruireis, uma loucura iluminada, misto de medo e de coragem, ignorante e vitoriosa para todo o sempre. É essa força que se vai levantar e sabereis então que vossa glória é apenas fumaça. *(Ela ri.)* Não deveis rir! Não deveis rir!

(Ela continua a rir. Ele a esbofeteia e, ao mesmo tempo, os homens do Coro arrancam suas mordaças e soltam um grande grito de alegria. Mas, no entusiasmo, Diogo esmagou sua marca. Apalpa-a e em seguida olha a mão.)

A SECRETÁRIA
Magnífico!

DIOGO
Quê?

A SECRETÁRIA
Sois magnífico em vossa cólera! Cada vez mais me agradais.

DIOGO
Que aconteceu?

A SECRETÁRIA
Estais vendo. A marca está desaparecendo. Continuai: estais em bom caminho.

DIOGO
Estou curado?

A SECRETÁRIA
Vou contar-vos um pequeno segredo... O sistema deles é excelente, tendes razão, mas há um defeito em seu maquinismo.

DIOGO
Não compreendo.

A SECRETÁRIA
Há um defeito, meu querido. Do mais distante que eu me recordo, sempre bastou que um homem vença seu medo e se revolte, para que sua máquina comece a ranger. Não digo que pare, está claro. Mas, enfim, ela range e, algumas vezes, acaba por degringolar.

(Silêncio.)

DIOGO
Por que me dizeis isso?

A SECRETÁRIA
Bem sabeis: cansa fazer o que faço. Temos nossas fraquezas. Além disso, vós o descobristes sozinho.

DIOGO
Teria sido poupado, se não vos houvesse batido?

A SECRETÁRIA
Não. Eu tinha vindo para destruir-vos, segundo o regulamento.

DIOGO
Então, sou eu o mais forte!

A SECRETÁRIA
Ainda sentis medo?

DIOGO
Não.

A SECRETÁRIA
Então, já nada mais posso contra vós. Também isso faz parte do regulamento. E eu devo dizer-vos que é a primeira vez que esse regulamento tem minha aprovação.

(Retira-se docemente. Diogo tateia o próprio corpo, olha ainda sua mão e volta-se, bruscamente, na direção dos gemidos. Dirige-se, cercado do silêncio, a um doente amordaçado. Cena muda. Diogo avança a mão até a mordaça e a desata. É o Pescador. Olham-se em silêncio. Depois)

O PESCADOR *(com esforço)*
Boa noite, irmão. Há muito tempo eu não falava.

(Diogo lhe sorri. O Pescador ergue os olhos para o céu.)

Que é isto?

(O céu está iluminado, com efeito. Um ligeiro vento começa a soprar, sacudindo uma das portas e fazendo flutuar algumas cortinas. O povo cerca-os, agora. Mordaças desatadas, olhos erguidos ao céu.)

DIOGO
Ovento do mar...

PANO

PARTE III

Os habitantes de Cádiz ativam-se, na praça. De pé, um pouco acima deles, Diogo dirige os trabalhos. Luz brilhante, que realça os cenários da Peste — menos impressionantes, porque mais construídos.

DIOGO

Apaguem as estrelas. *(Apagam-nas.)* Abram as janelas. *(As janelas são abertas.)* Ar! Mais ar! Reúnam os doentes! *(Movimentos)* Não tenham medo... é a condição. De pé, todos os que puderem! Por que recuam? Levantem a cabeça: é a hora da altivez! Joguem fora a mordaça e gritem, comigo, que não têm medo. *(Ergue o braço.)* Ó santa revolta! Recusa viva, honra do povo, dá a esses amordaçados a força de teu grito!

O CORO

Irmão, nós te escutamos, nós os miseráveis que vivem de azeitonas e de pão, para os quais uma mula é uma fortuna, nós que provamos vinho apenas duas vezes por ano — no dia do nascimento e no dia do casamento —nós começamos a esperar! Mas o velho medo ainda não deixou nossos corações. A azeitona e o pão dão gosto à vida! Por menos que tenhamos, receamos tudo perder, com a vida!

DIOGO

Perderão a azeitona, o pão e a vida, se deixarem que as coisas fiquem como estão! Hoje, precisam vencer o medo, se quiserem, pelo menos, guardar o pão. Desperta, Espanha!

O CORO

Somos pobres e ignorantes. Mas soubemos que a Peste segue os caminhos do ano. Tem sua primavera, quando germina e jorra; seu estio, quando frutifica. Quando o inverno vier, talvez ela morra. Mas estaremos no inverno, irmão, estaremos, mesmo, no inverno? Este vento, que está soprando, virá, realmente, do mar? Sempre pagamos tudo com a moeda da miséria. Será preciso agora pagar com a moeda de nosso sangue?

CORO DAS MULHERES

Ainda uma tarefa de homens! Nós estamos aqui para vos lembrar o instante que se abandona, o cravo dos dias, a lã negra das ovelhas, o perfume da Espanha, enfim! Somos fracos, nada podemos contra vós, contra vossos ossos fortes. Mas, façais o que fizerdes, não vos esqueçais de nossas flores de carne em vossa mistura de sombras!

DIOGO

É a Peste que nos descarna, e ela que separa os amantes e que emurchece a flor dos dias! E contra ela que é preciso lutar!

O CORO

Será, realmente, o inverno? Em nossas florestas, os carvalhos estão sempre cobertos de bolotas bem lustrosas e seus troncos jorram de vespas! Não! Não é ainda o inverno!

DIOGO

Atravessai o inverno da cólera!

O CORO

Encontraremos a esperança ao fim de nosso caminho? Ou será preciso morrer no desespero?

DIOGO

Quem fala em desespero? O desespero é uma mordaça. Somente o trovão da esperança e a fulguração da felicidade rasgam o silêncio desta cidade sitiada. De pé! Se quiserdes guardar o pão e a esperança, destruí vossos certificados, arrebentai os vidros dos escritórios, abandonai as filas do medo, clamai por liberdade, aos quatro cantos do céu!

O CORO

Nós somos os mais miseráveis! Nossa única riqueza é a esperança. Como nos privarmos dela? Irmãos, fora com estas mordaças! *(Grande grito de libertação.)* Ah! Sobre a terra seca, nas gretas do calor, eis a primeira chuva! Eis o outono, que torna tudo verde; eis o vento fresco do mar. A esperança nos embala, como uma vaga.

(Diogo sai.

Entra a Peste, no mesmo nível de Diogo, mas do outro lado. A Secretária e Nada a seguem.)

A SECRETÁRIA

Que história é esta? Tagarela-se, agora? Reponham as mordaças!

(Alguns repõem as mordaças. Mas já alguns homens aproximaram-se de Diogo. Ativam-se, em ordem.)

A PESTE

Estão começando a agitar-se.

A SECRETÁRIA
Sim, como sempre!

A PESTE
Pois muito bem. É preciso, então, fortalecer as medidas!

A SECRETÁRIA
Vamos fortalecê-las. *(Abre o caderno, folheia-o com um pouco de cansaço.)*

NADA
Vamos, gente! Estamos no bom caminho. Ser regulamentar, ou não ser regulamentar, eis toda a moral e toda a filosofia. Mas, na minha opinião, Excelência, não iremos muito longe.

A PESTE
Falas demais.

NADA
É porque sinto entusiasmo. E aprendi muitas coisas convosco. A supressão: eis meu evangelho. Mas, até o momento, eu não tinha boas razões para executá-la. Agora, tenho a razão regulamentar.

A PESTE
O regulamento não suprime tudo. Não estás bem na linha, presta atenção!

NADA
Deveis convir que havia regulamentos, antes de vós. Mas faltava ser inventado o regulamento geral, o saldo de todas as contas, a espécie humana posta no índex, a vida inteira substituída por uma tábua de matérias, o universo em disponibilidade, o céu e a terra enfim desvalorizados...

A PESTE
Volta a teu trabalho, bêbado. E todos aí: ao trabalho!

A SECRETÁRIA
Como vamos começar?

A PESTE
Pelo acaso. É mais emocionante.

(A Secretária risca dois nomes. Batidas surdas de advertência. Dois homens caem. Refluxo. Os que trabalham detém-se, assombrados. Os guardas e a Peste

precipitam-se, repõem as cruzes nas portas, fecham as janelas, misturam os cadáveres, etc.)

DIOGO *(ao fundo, com uma voz tranqüila)*
Viva a morte! Ela não nos faz mais medo.

(Fluxo. Os homens recomeçam a trabalhar. Os guardas recuam. O inverso da pantomima anterior. O vento sopra, quando o povo avança: reflui, quando os guardas se movimentam.)

A PESTE
Riscai aquele ali!

A SECRETÁRIA
Impossível!

A PESTE
Por quê?

A SECRETÁRIA
Ele não tem mais medo.

A PESTE
Ora! Saberá disso, por acaso?

A SECRETÁRIA
Suspeita.

(Risca. Batidas surdas. Refluxo. A mesma pantomima.)

NADA
Magnífico! Estão morrendo como moscas! Ah! Se a terra pudesse explodir!

DIOGO *(com calma)*
Socorrei a todos os que caírem.

(Refluxo. Mesma pantomima, invertida.)

A PESTE
Este aí está indo longe demais!

A SECRETÁRIA

Longe demais, com efeito.

A PESTE

Por que dizeis isso melancolicamente? Espero que, pelo menos, não o tenhais esclarecido.

A SECRETÁRIA

Não. Ele deve ter descoberto isso sozinho. Em suma: tem o dom.

A PESTE

Tem o dom — mas eu tenho os meios. É preciso tentar outra coisa. É a vossa vez. *(Sai.)*

O CORO *(retirando a mordaça)*

Ah! *(Suspiro de alívio)* É o primeiro recuo: o garrote afrouxa-se, o céu amplia-se, o vento começa a soprar. E estão de volta os murmúrios das fontes, que o sol negro da Peste havia evaporado. O verão se despede. Não teremos mais as uvas das parreiras, nem os melões, as favas verdes, a salada crua. Mas a água da esperança amolece o solo duro e nos promete o abrigo do inverno, as castanhas assadas, os primeiros grãos de milho, ainda tenros, a noz sabendo a sabão, o leite à beira do fogo...

AS MULHERES

Somos ignorantes. Mas achamos que essas riquezas não devem ser pagas caras demais. Em todos os lugares do mundo — e não importa sob qual senhor — haverá, sempre, um fruto fresco, ao alcance da mão, o vinho do pobre, o fogo de sarmento, perto do qual se espera que tudo passe...

(Da casa do Juiz sai, pela janela, a Filha do Juiz, que corre a se esconder entre as mulheres.)

A SECRETÁRIA (descendo em direção ao povo)

Parece, até, uma revolução! No entanto, bem sabeis que o caso não é para isso. Mesmo porque não compete mais ao povo fazer a revolução: seria muito fora de moda. As revoluções não têm mais necessidade de insurretos. A polícia, hoje, é suficiente, para tudo — mesmo para derrubar o governo. E, no fim das contas, não será melhor? O povo pode repousar, enquanto alguns bons espíritos pensam por ele e decidem, em seu lugar, qual a felicidade que lhe será favorável.

O PESCADOR

Eu vou estripar, imediatamente, esta enguia viciosa.

A SECRETÁRIA

Vamos, meus bons amigos... Não seria preferível ficardes onde estais? Quando uma ordem é estabelecida, custa muito caro mudá-la. E se esta ordem vos parece insuportável, talvez possamos obter algumas acomodações.

UMA MULHER

Que acomodações?

A SECRETÁRIA

Eu é que não sei. Mas vós, mulheres, não ignorais que toda subversão se paga e que uma boa conciliação às vezes vale mais do que uma vitória ruinosa?

(As mulheres aproximam-se. Alguns homens se destacam do grupo de Diogo.)

DIOGO

Não escuteis o que ela diz. Tudo está combinado.

A SECRETÁRIA

Que é que está combinado? Falo com a razão e nada conheço além dela.

UM HOMEM

De que acomodações quereis falar?

A SECRETÁRIA

Naturalmente que seria preciso refletir. Mas, por exemplo: poderíamos constituir, convosco, um comitê que decidiria, por maioria de votos, quanto a irradiações a executar. Notai bem que estou apenas falando a título de exemplo... *(Sacode o caderno, no alto. Um homem o arrebata.)*

A SECRETÁRIA (falsamente indignada)

Por favor, devolvei este caderno! Sabeis bem o quanto é precioso e que basta que aí risquemos o nome de um de vossos concidadãos, para que ele morra imediatamente.

(Homens e mulheres cercam o possuidor do caderno. Animação.)

— O caderno agora é nosso!
— Não haverá mais mortos!
— Estamos salvos!

(Mas a Filha do Juiz aparece, arranca brutalmente o caderno, foge para um canto e, folheando rapidamente o caderno, risca nele qualquer coisa. Da casa do Juiz, um grande grito e a queda de um corpo. Homens e mulheres precipitam-se para ela.)

UMA VOZ

Ah! Maldita! É a ti que precisamos suprimir!

(Uma mão lhe arranca o caderno e, com a procura de todos, ali encontram seu nome, que uma mão risca. A moça cai, sem um rito.)

NADA *(berrando)*

Para frente! Todos unidos pela supressão! Não se trata mais de suprimir: trata-se de nos suprimirmos! Eis-nos, enfim, todos juntos, oprimidos e opressores, de mãos dadas! Vamos, aos touros! É a limpeza geral!

UM HOMEM *(é um homem enorme, que segura o caderno)*

É verdade que há algumas limpezas a fazer! É uma boa ocasião para esganar alguns filhos da mãe, que se entupiam de iguanas, enquanto nós arrebentávamos de fome!

(A Peste, que acaba de reaparecer, solta uma gargalhada prodigiosa, enquanto a Secretária retoma, modestamente, seu lugar a seu lado. Todos, imóveis, os olhos erguidos, esperam — enquanto os guardas da Peste se espalham, por todo o palco, para restabelecer o cenário e os signos da Peste.)

A PESTE *(a Diogo)*

Eis aí! Eles mesmos se incumbem de fazer o trabalho. Acreditas que valham o teu sacrifício?

(Mas Diogo e o Pescador já se precipitaram sobre o homem que tem o caderno. Esbofeteiam-no e atiram-no ao chão. Diogo toma o caderno e rasga-o.)

A SECRETÁRIA

Inútil. Tenho uma duplicata.

(Diogo repele os homens do outro lado.)

DIOGO
Depressa! Ao trabalho! Fostes enganados!

A PESTE
Quando eles sentem medo, sentem-no por eles mesmos. Mas seu ódio é para os outros.

DIOGO *(voltando a enfrentá-lo)*
Nem medo, nem ódio. Estará nisso a nossa vitória.

(Refluxo progressivo dos guardas, diante dos homens de Diogo.)

A PESTE
Silêncio! Eu sou aquele que azeda o vinho e que desseca os frutos. Mato o sarmento, quando ele quer dar uvas, e o enverdeço, quando deve alimentar o fogo. Tenho horror a vossas alegrias simples. Tenho horror a esse país, onde pretendem ser livres, antes de serem ricos. Tenho, comigo, as prisões, os carrascos, a força, o sangue! A cidade será arrasada e, sob seus escombros, a história agonizará, enfim, no belo silêncio das sociedades perfeitas. Silêncio, pois — ou arrasarei tudo.

(Luta, em mímica, no meio de um imenso barulho: ranger de serrote, zumbido, clarões da irradiação, confusão de slogans. Mas, à medida que a luta se desenha com vantagem para os homens de Diogo, o tumulto diminui e o Coro, se bem que indistinto, submerge os ruídos da Peste.)

A PESTE *(num gesto raivoso)*
Restam os reféns!

(Faz sinal. Os guardas da Peste deixam a cena, enquanto os demais personagens se reagrupam.)

NADA *(do alto do palácio)*
Sempre resta alguma coisa. Tudo continua. E meus escritórios continuam, também. A cidade ruiria, o céu se fragmentaria, os homens desertariam da terra, porque os escritórios se abririam em horário fixo, para administrar o nada! A eternidade sou eu — e o paraíso tem seus arquivos e seus mata-borrões. *(Sai.)*

O CORO

Estão fugindo. O verão termina em vitória! E acontece, assim, que o homem triunfa! E a vitória tem, então, o corpo de nossas mulheres, sob a chuva do amor. Eis a carne feliz, luzidia e quente, cacho de verão, onde os vespões palpitam. Sobre as eiras do ventre caem as colheitas da vinha. As vindimas flamejam nos bicos dos seios ébrios. Oh, meu amor! O desejo arrebenta, como um fruto maduro, a glória dos corpos jorra, enfim. Em todos os cantos do céu, mãos misteriosas estendem suas flores e um vinho dourado escorre de inesgotáveis fontes. É a festa da vitória: vamos buscar nossas mulheres.

(Trazem, em silêncio, uma maca, com o corpo de Vitória.)

DIOGO

Ah! Isto dá vontade de matar ou de morrer! *(Chega perto do corpo, que parece inanimado.)* Magnífica, vitoriosa, selvagem como o amor! Volta um pouco, para mim, teu rosto! Desperta, Vitória! Não te deixes conduzir para esse outro lado do mundo, onde não poderei ir a teu encontro! Não me deixes: a terra é fria. Meu amor, meu amor! Segura-te firme, segura-te firme a esse rebordo de terra, onde ainda estamos! Não te deixes afundar! Se morreres, sempre será noite, em pleno dia, em todos os anos que me restem a viver!

O CORO DAS MULHERES

Agora, estamos dentro da verdade. Até hoje, não era sério. Mas, nesta hora, trata-se de um corpo que sofre c se retorce. Tantos gritos — a mais bela das linguagens! Viva a morte e, depois, a própria morte rasga a garganta daqueles que amamos! E, então, o amor volta — justa-mente quando não é mais tempo.

(Vitória geme.)

DIOGO

Ela vai levantar-se. E vais enfrentar-me, novamente, reta como uma tocha, como as chamas negras de teus cabelos e este rosto resplandecente de amor, cujo deslumbramento me acompanhava, em minhas noites de combate. Por que para toda parte eu te levava comigo — e meu coração bastava-me.

VITÓRIA

Tu me esquecerás, Diogo, estou certa. Teu coração não bastará para suprir a ausência. Não bastou, para a desgraça. Ah! É um tormento terrível morrer sabendo que seremos esquecidos. *(Volta-se.)*

DIOGO

Nunca te esquecerei. Minha memória será mais longa do que a minha vida.

O CORO DAS MULHERES

Ó corpo sofredor, outrora tão desejável, beleza real, reflexo do dia! O homem grita para o impossível, a mulher sofre tudo quanto é possível. Curva-te, Diogo! Grita tua dor, acusa-te: é o instante do arrependimento! Desertor! Este corpo era tua pátria, sem a qual não és mais nada! Tua memória nada resgatará!

(A Peste aproximou-se, docemente, de Diogo. Somente o corpo de Vitória os separa.)

A PESTE

Então? Renuncias? *(Diogo, com desespero, olha o corpo de Vitória.)* Não tens força. Teus olhos estão perdidos. Quanto a mim, tenho o olhar fixo do poder.

DIOGO *(depois de um silêncio)*

Deixa-a viver e mata-me.

A PESTE

Como?

DIOGO

Proponho-te uma troca.

A PESTE

Que troca?

DIOGO

Quero morrer em seu lugar.

A PESTE

Eis uma dessas idéias que sempre temos, quando nos sentimos cansados. Vamos, não é agradável morrer e o pior já está feito para ela. Fiquemos nisso!

DIOGO

É uma idéia que se tem, quando se é o mais forte!

A PESTE

Olha-me: eu sou a própria força!

DIOGO

Despe teu uniforme.

A PESTE

Estás louco!

DIOGO
Despe-te! Quando os homens da força despem seu uniforme, não são nada belos a qualquer olhar!

A PESTE
Talvez. Mas sua força está em terem inventado o uniforme!

DIOGO
A minha está em recusá-lo. Mantenho minha proposta.

A PESTE
Reflete, ao menos. A vida tem coisas boas.

DIOGO
Minha vida não é nada. O que conta são as razões de minha vida. Não sou um cão.

A PESTE
Então o primeiro cigarro não tem importância alguma? O odor da poeira, ao meio-dia, sobre os aterros, as chuvas da noite, a mulher ainda desconhecida, o último copo de vinho... então tudo isso não é nada?

DIOGO
É alguma coisa. Mas esta viverá melhor do que eu!

A PESTE
Não, se renunciares a te ocupar dos outros.

DIOGO
No caminho em que estou, nunca podemos parar, mesmo que o desejemos. Não te pouparei!

A PESTE *(mudando de tom)*
Escuta. Se me ofereces tua vida, em troca da desta mulher, sou obrigado a aceitar — e ela viverá. Mas eu te proponho um outro ajuste. Dou-te a vida desta mulher e deixarei que ambos fujam, contanto que eu fique autorizado a cuidar desta cidade.

DIOGO
Não. Conheço meus poderes.

A PESTE
Neste caso, serei franco contigo. Preciso ser o senhor de tudo — ou, então, não o serei de nada. Se tu me escapares, a cidade me escapará. É a regra. Uma velha regra, que não sei de onde vem.

DIOGO
Mas eu sei! Vem do mais fundo das idades, é maior do que tu, mais alta do que teus patíbulos: é a regra da natureza. Nós vencemos.

A PESTE
Ainda não! Tenho aí este corpo — meu refém. E o refém é o meu último trunfo. Olha-a. Se alguma mulher tem o rosto da vida, é esta aqui. Merece viver e queres fazê-la viver. Quanto a mim, sou constrangido a entregá-la a ti. Mas pode ser em troca de tua própria vida, ou em troca da liberdade desta cidade. Escolhe.

(Diogo olha Vitória. Ao fundo, murmúrios de vozes amordaçadas. Diogo volta-se para o Coro.)

DIOGO
É duro morrer

A PESTE
É duro.

DIOGO
Mas é duro para todos.

A PESTE
Imbecil! Dez anos do amor desta mulher valem mais do que um século da liberdade destes homens.

DIOGO
O amor desta mulher é meu reino, meu, apenas. Posso fazer dele o que quiser. Mas a liberdade desses homens pertence-lhes. Não posso dispor dela.

A PESTE
Ninguém pode ser feliz, sem fazer mal aos outros. E a justiça desta terra.

DIOGO
Não nasci para consentir nessa justiça.

A PESTE
Quem te pede para consentir? A ordem do mundo não mudará, ao sabor de teus

desejos. Se queres mudá-la, deixa teus sonhos e toma conhecimento de tua realidade.

DIOGO
Não. Conheço a receita: é preciso matar, para suprimir o assassínio; violentar, para reparar a injustiça. Há séculos que isso dura! Há séculos que os senhores de tua raça apodrecem a chaga do mundo, sob o pretexto de curá-la — e, no entanto, continuam a vangloriar-se de sua receita, uma vez que ninguém lhes riu na cara!

A PESTE
Ninguém ri, porque realizo. Sou eficaz.

DIOGO
Eficaz, claro! E prático. Como o machado!

A PESTE
Basta, pelo menos, olhar os homens. Sabe-se então, que toda justiça é bastante boa para eles.

DIOGO
Depois que as portas desta cidade se fecharam, tive todo o tempo para olhá-los.

A PESTE
Então, já sabes que eles te deixarão sempre só. E o homem só deve morrer.

DIOGO
Não. É uma tese falsa. Se eu fosse só, tudo seria fácil. Mas, por bem ou por mal, eles estão comigo.

A PESTE
Belo rebanho, na verdade. Mas cheira mal.

DIOGO
Sei que eles não são puros. Eu também não o sou. Além disso, nasci entre eles. Vivo para a minha cidade e para a minha época.

A PESTE
A época dos escravos!

DIOGO
A época dos homens livres!

A PESTE
Espantas-me. Em vão os busco. Onde estão eles?

DIOGO
Em tuas prisões e em teus cemitérios. Os escravos estão nos tronos.

A PESTE
Veste teus homens livres com o uniforme de minha polícia e verás em que eles se transformam.

DIOGO
É verdade que lhes acontece serem covardes e cruéis. É por isso que não têm, mais do que tu, o direito ao poder. Homem algum tem bastante virtude para que se lhe possa ser permitido o poder absoluto. Mas é por isso também que esses homens têm o direito à compaixão que te será recusada.

A PESTE
Covardia é viver como eles vivem: pequenos, necessitados, sempre na mediocridade.

DIOGO
É na mediocridade que eu os amo. E se não for fiel à pobre verdade que partilho com eles, como o seria ao que tenho de maior e de mais solitário?

A PESTE
A única fidelidade que conheço é o desprezo. *(Mostra o Coro, prostrado, no pátio.)* Olha! Vale a pena!

DIOGO
Só desprezo os carrascos. Faças o que fizeres, esses homens serão maiores do que tu. Se lhes acontece, uma vez, matar, é na loucura de um instante. Tu, não. Tu massacras segundo a lei e a lógica. Não troces de suas cabeças curvadas, pois há séculos o cometa do medo passa por cima deles. Não rias de seu ar de temor: há séculos eles morrem e seu amor é dilacerado. O maior de seus crimes terá sempre uma desculpa. Mas não encontro desculpas para o crime que, em todos os tempos, têm cometido contra eles e que, para arrematar, tiveste a idéia de codificar nessa imunda ordem que é a tua. *(A Peste avança para ele.)* Não baixarei os olhos!

A PESTE
Não os baixarás, mesmo — é visível. Então, prefiro dizer-te que acabas de triunfar em tua última prova. Se me tivesses abandonado esta cidade, terias perdido esta mulher e te terias perdido, com ela. Entretanto, esta cidade tem

todas as oportunidades para ser livre. Bem vês: basta que um insensato como tu... O insensato morre, evidentemente. Mas enfim, cedo ou tarde, o resto é salvo. *(Sombrio)* E o resto não merece ser salvo.

DIOGO
O insensato morre...

A PESTE
Ah! Já não lhe agrada mais? Mas não: é clássico, esse segundo de hesitação! O orgulho será mais forte.

DIOGO
Eu tinha sede de honra. Então sé poderei encontrar a honra, hoje, entre os mortos?

A PESTE
Eu bem o dizia: o orgulho mata-os. Mas tudo isso e muito fatigante, para o velho em que me estou tornando. *(Com voz dura)* Prepara-te.

DIOGO
Estou pronto.

A PESTE
Eis as marcas. Elas doem.

(Diogo olha, com horror, as marcas que, de novo, estão em seu corpo.)

Assim! Sofre um pouco, antes de morrer. Pelo menos isso faz parte de minha regra. Quando o ódio me queima, o sofrimento do outro é um orvalho, para mim. Geme, um pouco. É bom. E deixa-me olhar-te sofrer, antes de deixar esta cidade. *(Olha a Secretária.)* Vamos! Ao trabalho, novamente!

A SECRETÁRIA
Sim, se é necessário.

A PESTE
Já fatigada, hein?

(A Secretária faz sim, com a cabeça, e, no mesmo instante, muda bruscamente de aparência. Agora, é uma velha, com a máscara da morte)

Sempre pensei que não tínheis bastante ódio. Quanto a mim, meu ódio precisa de vítimas frescas. Anda depressa com isto. E recomeçaremos, em outro lugar.

A SECRETÁRIA

Com efeito: o ódio não me sustenta — porque não está em minhas funções. Mas é um pouco culpa vossa. À força de trabalharmos sobre fichas, esquecemo-nos de nos apaixonar.

A PESTE

São palavras. E se procurais um apoio... *(aponta Diogo, que cai de joelhos)* tomai-o, na alegria de destruir. E função vossa.

Á SECRETÁRIA

Destruamos, pois. Mas não me sinto muito à vontade.

A PESTE

Em nome de que, discutis minhas ordens?

A SECRETÁRIA

Em nome da memória. Tenho algumas recordações, velhas recordações. Eu era livre, antes de vós, e associada ao acaso. Ninguém me detestava, então. Eu era aquela que termina tudo, que fixa os amores, que dá forma a todos os destinos. Era estável. Mas pusestes-me a serviço da lógica e do regulamento. Endureci minha mão, que as vezes era compassiva.

A PESTE

Quem vos pede socorro?

Á SECRETÁRIA

Os que são menos fortes do que a desgraça. Quer dizer: quase todos. Com eles, acontecia-me trabalhar no consentimento: eu existia, à minha maneira. Hoje eu os violento e todos me negam até seu último suspiro. É talvez por isso que eu amo este a quem me ordenais matar. Ele me escolheu livremente. A sua maneira, teve piedade de mim. Amo aqueles que marcam encontro comigo.

A PESTE

Cuidado! Não me irriteis! Não precisamos de piedade.

A SECRETÁRIA

Só precisam de piedade aqueles que não sentem compaixão por ninguém! Quando eu digo que o amo, quero dizer que o invejo: em nós, os conquistadores, é a miserável forma que toma o amor. Sabeis bem disso, como sabeis que, por isso, merecemos que nos lamentem um pouco.

A PESTE

Calai-vos, eu vos ordeno!

A SECRETÁRIA

Bem o sabeis e sabeis, também, que, à força de matar, começamos a amar a inocência daqueles que matamos. Ah! Por um minuto, apenas, deixai-me suspender essa interminável lógica e sonhar que me estou apoiando, enfim, em um corpo. Tenho repugnância das sombras. E invejo todos esses miseráveis. Sim, invejo-os, sim — até esta mulher *(indica Vitória)* que só voltará à vida para soltar gritos de animal! Mas, pelo menos, estará apoiada em seu sofrimento.

(Diogo está quase caído. A Peste o reergue.)

A PESTE

De pé, homem! O fim não pode vir, sem que esta aqui faça o que é preciso. E, como vês, por um instante, ela ficou sentimental. Mas nada temas! Ela fará o que é preciso: é a regra e é sua função. A máquina range um pouco, eis tudo. Antes, porém, que ela fique completamente enguiçada, sê feliz, imbecil, entrego-te esta cidade!

(Gritos de alegria do Coro. A Peste volta-se para ele.)

Sim, retiro-me, mas não vos julgueis triunfantes, porque estou contente comigo mesmo. Aqui ainda trabalhamos bem. Gosto do ruído com que cercam meu nome e sei, agora, que nunca me esquecereis. Olhai-me! Olhai, pela última vez, o único poder deste mundo!

Reconhecei vosso verdadeiro soberano e aprendei o medo. *(Ri.)* Antes, pretendíeis temer a Deus e a seus acasos. Mas vosso Deus era um anarquista, que misturava estilos. Acreditava que podia ser poderoso e bom, ao mesmo tempo. E isso se ressentia de sentido e de sinceridade. Quanto a mim, escolhi o poder, só. Escolhi o domínio e sabeis, agora, que o domínio é mais sério do que o inferno.

Há milênios venho cobrindo de cemitérios vossas cidades e vossos campos. Meus mortos têm fecundado as areias da Líbia e da negra Etiópia. A terra da Pérsia ainda está engordurada do suor de meus cadáveres. Espalhei por Atenas os fogos da purificação, iluminei suas praias com milhares de fogueiras fúnebres, cobri o mar grego de cinzas humanas, até torná-lo cinzento. Os deuses, os pobres deuses, eles mesmos já estavam enojados até a alma. E quando as catedrais sucederam aos templos, meus cavaleiros negros os semearam de corpos uivantes. Pelos cinco continentes, no decorrer dos séculos, matei, sem descanso e sem desânimo.

Não era tão mau, certamente: havia nisso a idéia. Mas não havia toda a idéia... Um morto, se desejais minha opinião, é refrescante — mas não dá rendimento. Enfim: não vale um escravo. O ideal está em se obter uma maioria de escravos, com a ajuda de uma minoria de mortos bem escolhidos. Hoje, a técnica está aperfeiçoada. Eis por que, após matar e aviltar a quantidade de homens que era

preciso, colocamos povos inteiros de joelhos. Nenhuma beleza, nenhuma grandeza nos resistirá. Triunfaremos de tudo.

A SECRETÁRIA

Triunfaremos de tudo, menos da altivez.

A PESTE

A altivez talvez se canse... O homem é mais inteligente do que se pensa.

(Ao longe, balbúrdia e trombetas.)

Escutai! É a minha oportunidade que volta. Eis vossos antigos senhores, que reencontrareis cegos às feridas alheias, ébrios de imobilidade e de esquecimento. E vós vos fatigareis ao ver a estupidez triunfar, sem combate. A crueldade revolta, mas a estupidez desanima. Honra aos estúpidos, porque preparam meus caminhos! Eles fazem minha força e minha esperança! Um dia virá, talvez, em que todo sacrifício vos parecerá bom e em que o grito interminável de vossas sujas revoltas se calará, enfim! Nesse dia, eu reinarei, de verdade, no definitivo silêncio da servidão. *(Ri.)* É uma questão de obstinação, não é verdade? Mas não vos entusiasmeis: tenho a fronte baixa dos obstinados. *(Dirige-separa o fundo da cena.)*

A SECRETÁRIA

Sou mais velha do que vós e sei que o amor desses homens tem, também, sua obstinação.

A PESTE

O amor? Que é isso? *(Sai.)*

A SECRETÁRIA

Levanta-te, mulher! Estou cansada. Acabemos com isso.

(Vitória levanta-se. Mas, ao mesmo tempo, Diogo cai. A Secretária recua um pouco na sombra. Vitória precipita-se para Diogo.)

VITÓRIA

Ah! Diogo, que fizeste de nossa felicidade?

DIOGO

Adeus, Vitória. Estou contente.

VITÓRIA

Não digas isso, meu amor. E uma palavra de homem — uma horrível palavra de homem. *(Chora)* Ninguém tem o direito de ficar contente por morrer.

DIOGO

Estou contente, Vitória. Fiz o que era preciso fazer.

VITÓRIA

Não. O que era preciso fazer era escolher-me contra o próprio céu. Era preciso preferir-me contra a terra inteira.

DIOGO

Entendi-me com a morte — e está nisso a minha força. Mas é uma força que devora tudo, uma força que não dá lugar à felicidade.

VITÓRIA

Que me importava tua força? Era a um homem que eu amava.

DIOGO

Perdi toda a ternura, nesse combate. Não sou mais um homem e é justo que eu morra.

VITÓRIA (atirando-se para ele)

Então, leva-me contigo!

DIOGO

Não. Este mundo tem necessidade de ti. Precisa de nossas mulheres, para aprender a viver. Nós homens só temos sido capazes de morrer.

VITÓRIA

Ah! É muito simples, não é verdade? Amar em silêncio e sofrer o que é preciso sofrer! Eu preferia teu medo.

DIOGO *(olhando Vitória)*

Amei-te com toda a minha alma.

VITÓRIA (num grito)

Não o bastante. Oh! Não! Ainda não era o bastante! Que podia eu fazer com tua alma sozinha!

(A Secretária aproxima sua mão de Diogo. A mímica da agonia começa. As Mulheres precipitam-se para Vitória e a cercam.)

AS MULHERES

Maldição sobre ele! Maldição sobre todos os homens que desertam de nossos corpos! Miséria sobre nós, sobretudo, que somos as desertadas e que trazemos,

através dos séculos, este mundo que seu orgulho pretende transformar. Ah! Já que tudo não pode ser salvo, saibamos, pelo menos, preservar a morada do amor! Que venha a peste, que venha a guerra e, todas as portas fechadas, vós a nosso lado, nós a defenderemos até o fim. Então, em lugar dessa morte solitária, povoada de idéias, alimentada de palavras, conhecereis a morte acompanhada — nós e vós, confundidos, no terrível abraço de amor! Mas os homens preferem a idéia. Abandonam suas mães, desligam-se da amante e ei-los que correm à aventura — feridos sem chagas, mortos sem punhais, caçadores de sombras, cantores solitários, clamando, sob um céu mudo, por uma impossível reunião e correndo, de solidão em solidão, para o isolamento derradeiro, a morte em pleno deserto!

(Diogo morre. As mulheres lamentam-se, enquanto o vento sopra, um pouco mais forte.)

A SECRETÁRIA

Não choreis, mulheres. A terra é doce àqueles que muito amaram. *(Sai.)*

(Vitória e as Mulheres saem pelo lado, levando Diogo. Mas os ruídos do fundo tornam-se mais precisos. Uma nova música explode e ouvem-se os berros de Nada, do lado das fortificações.)

NADA

Ei-los! Os antigos chegam! Os de antes, os de sempre, os petrificados, os tranqüilos, os confortáveis, os boas-vidas, os bem-cuidados — a tradição, enfim, sentada, próspera, barbeada de fresco. O alívio é geral e vai ser possível recomeçar. Na estaca zero, naturalmente. Eis aqui os pequenos alfaiates do nada: sereis vestidos na sua medida. Mas não vos agiteis: seu método é o melhor. Em lugar de fechar as bocas dos que gritam sua desgraça, fecham seus próprios ouvidos. Éramos mudos, vamos nos tornar surdos. *(Fanfarra)* Silêncio! Os que escrevem a história estão voltando. Vão ocupar-se dos heróis. Colocá-los em mármore. Não vos lamenteis. por isso: por cima das lajes, a sociedade está realmente misturada demais.

(Ao fundo, mímica de cerimônias oficiais.)

Olhai, pois: que pensais que eles estão fazendo? Eles se estão condecorando. Os festins do ódio estão sempre abertos; a terra, esgotada, cobre-se da madeira morta das potências; o sangue daqueles que chamais os justos ilumina, ainda, as muralhas do mundo. E que fazem eles? Condecoram-se! Rejubilai-vos! Ides ter vosso discurso de prêmios. Mas antes que o estrado seja aproximado, desejo resumir-vos o meu. Este aqui, que eu amava, contra a sua vontade, está morto.

(O Pescador precipita-se sobre Nada. Os guardas o detêm.)

Vês, Pescador? Os governos passam, a polícia fica. Há, portanto, uma justiça.

O CORO

Não, não há justiça, mas há limitações. E aqueles que pretendem nada regulamentar, como aqueles que pensavam regulamentar tudo, ultrapassam, da mesma maneira, as limitações. Abri as portas: que o vento e o sol venham recuperar esta cidade.

(Pelas portas que se abrem o vento sopra, cada vez mais forte.)

NADA

Há uma justiça, sim: a que fazem à minha aversão do mundo. Sim, ides recomeçar. Mas não é mais assunto meu. Não conteis comigo, para vos fornecer o perfeito culpado: não tenho a virtude da melancolia. Ó Velho Mundo! É preciso partir. Teus carrascos estão cansados, seu ódio tornou-se frio demais. Sei muitas coisas, o próprio desprezo cumpriu seu tempo. Adeus, brava gente. Um dia aprendereis que não se pode viver bem sabendo que o homem nada é e que a face de Deus é horrível.

(Dentro do vento que sopra tempestuoso, Nada salta o paredão e atira-se ao mar. O Pescador corre atrás dele.)

O PESCADOR

Caiu! As vagas encolerizadas o ferem e o sufocam em suas cristas. Essa boca mentirosa enche-se de sal — e vai calar-se, enfim. Olhai! O mar furioso tem a cor das anêmonas. Ele nos vinga. Sua cólera é a nossa cólera. Ele clama a reunião de todos os homens do mar, a confraternização dos solitários. Ó vaga! Ó mar, pátria dos insurretos, eis aqui teu povo, que jamais cederá. A grande onda das profundezas, nutrida na amargura das águas, arrebatará vossas cidades horríveis.

FIM